

JORGE
ESTREIA

NATALIA CORREIA

A PÉCORA

Teatro

PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE

LISBOA

1983

PREFÁCIO

Escrita em 1967, esta peça foi então impedida de ser publicada pela jagunçada do regime que exerceu sobre a tipografia que a imprimia a ameaça de fechar-lhe as portas, caso a obra prosseguisse. Ficou, assim, *A Pécora no purgatório das gavetas*, à espera de provar que nem todas estavam vazias quando a liberdade as abrisse.

Porquê só agora a sua publicação?

Tão caudaloso foi, nos júbilos de Abril, o cortejo de vítimas da censura, a besuntar de martírio a sua mediocridade, que, podendo esta peça ser tudo o que quiserem, menos medíocre, tive por dispensáveis os bons ofícios da grita que extrapolava a excelência das obras, do galardão de terem sido censuradas. Também me pareceu ganancioso oportunismo aproveitar a leva da permissividade — salutar porque regenerativa do tecido mental gangrenado pela repressão — para cobrar o bom acolhimento de uma peça condenada ao *t'arrenego* de uma certa tacanhez sacrista. Na festa libertária do tudo vale contra os diversos e alienantes poderes, ficaria ofuscada a mensagem substancial de

A Pécora: a sua profunda religiosidade; pois desta lhe emerge a desmistificação do mercado religioso que vende Deus em bentinhos, pagelas e outros artigos da comercialização da credence. E não me retraio em reclamar para a doce e puríssima prostituta, cuja imolação é a pedra sobre a qual é construído o templo dos vendilhões, a luz de uma humaníssima santidade. Atenção, pois, ao *verdadeiro* da farsa da sua canonização forjada pela feira dos milagres. Na mesma instância da pompa eclesiástica que a calca aos pés, Melânia é *efectivamente*, por sentença cristã, inscrita no catálogo dos santos que, não recebendo culto público na Igreja, são, em sua anónima pulcritude de alma que as feridas nela abertas pelo mundo não entenebrece, ungidos pela paixão de Cristo.

A este entendimento chegaram leitores, mesmo católicos, a quem dei a conhecer a peça, ao tempo da sua interdição. De um deles, David Mourão-Ferreira, que finamente a reconheceu como filiada nos velhos *mistérios* representados por ocasião das festas litúrgicas, veio a sugestão de a intitular *Auto da Paixão de Santa Melânia*. Mal andei, porventura, em não seguir o conselho do poeta que tanto estimo. Mas aqui o público como testemunho do prévio desmascaramento das mentes excomungativas que farejarem n'*A Pécora* malignidades abrangíveis pelo inquisitorialismo que lhes atrofia a visão.

Natália Correia

Lisboa, 20 de Outubro de 1983.

*A memória de José de Almada Negreiros
e à presença de David Mourão-Ferreira*

Durante as duas últimas décadas do século XIX. Uma praça de Gal, velho burgo encravado no centro de um país da Europa meridional, cujo nome deixamos ao público a escolha, conforme a acção o sugerir e as personagens o localizarem, desde que não seja deslocado deste clima do sol do Meio-Dia.

No centro, um velho pelourinho.

Os muros que contêm a praça, são muito velhos e toscos e apresentam aquela pasmada brancura da cal que ressalta na arquitectura dos países onde o sol, a miséria e a cultura da vinha se entrelaçam numa fatalidade que hostiliza o progresso perturbador de um modo de ser que só reage quando ameaçado o seu único propósito de permanecer.

No proscénio, Três Mulheres Galesas vestidas de negro com o xaile pela cabeça.

Um sol cru torna angustiante o contraste do esboçado reboco branco com as vestes das Três Mulheres.

PRÓLOGO

As Três Galesas recitam o «Romance de Melânia Sabiani Cuja Virtude Impôs aos Céus o Seu Rapto por Um Anjo a fim de A Furtar a Este Mundo de Perdição».

Andorinha gloriosa,
o anjo colheu a rosa!
Quando Melânia aqui nasceu
o mundo de luz encheu.

IN

Não digas, ó pecador,
que os milagres são mentira!
Que um anjo andou pela terra
e raptou uma donzela
dois pastorinhos o viram.
Para que a erva dos pecados
não comamos impassíveis
e os costumes reformar,
de Melânia Sabiani
a virtude redentora
viram os dois inocentes
o anjo glorificar.
Santo é agora o local
onde o anjo a arrebatou.
Erguendo um oratório de pinho
o povo de Gal o assinalou.
Sete lâmpadas de azeite
ardem ali noite e dia.
Se não fossem os Liberais
mais lâmpadas arderiam.

Muitos são os peregrinos
porque muita é a sua agonia;
trazem trigo, azeite e dinheiro
nos dias de romaria.
Se não fossem os Liberais
que não trariam, que não trariam?

Andorinha gloriosa,
o anjo colheu a rosa!
Quando Melânia aqui nasceu
o mundo de luz encheu.

A cena escurece.

I EPISÓDIO

A cena é a mesma. As Três Galesas, juntaram-se Quatro Homens do Povo, também vestidos de negro. O casal Sabiani é o centro das atenções. Trajam ambos como aldeões endomingados, afirmando, assim, terem subido um degrau na hierarquia do burgo.

SR. SABIANI

Não é fácil a nossa vida. Orgulhamo-nos de que o anjo tenha escolhido um rebento dos Sabiani. Mas nos tempos que correm os milagres são vistos como um crime.

SR. SABIANI

Se nos podem acusar de alguma coisa é de ter feito tudo para ela ser uma rapariga como as outras.

SR. SABIANI

Não podíamos prever um triunfo tão milagroso da sua virtude.

SR. SABIANI

Eu dizia-lhe: «Melânia! Estás feita uma rata de sacristia. As mulheres nasceram para cozer pão e chocar filhos. Casarás com Teófilo Ardinelli. As nossas vinhas são contíguas. Segundo os costumes, este é um sinal de que os sangues dos Ardinelli e dos Sabiani se devem misturar.» Mas ela assustava-nos com a ameaça de se atirar ao poço se não desposasse Aquele que lhe abrasava o coração em amor divino.

SR. SABIANI

Se a desviávamos do confessional, esperneava, revirava os olhos e punha-se a berrar: «Deixai-me, deixai-me, que do céu me veio aquele padre!»

SR. SABIANI

E veio. Logo após Deus ter operado a maravilha, achou que o mundo era pouca coisa e foi consolar leprosos para a Índia.

SR. SABIANI

Se o padre Salata cá estivesse, já no Tesouro da Igreja estaria posta a preciosa jóia.

SR. SABIANI

Os padres tornaram-se prudentes. O Governo cobiça os bens da Igreja. Os reis já não têm medo da excomunhão.

SR. SABIANI

Nunca se viu os sacerdotes temerem-se dos governantes. Que é isto senão um dos sinais do fim do mundo?

1.º HOMEM

Muitos dos nossos avós foram queimados pela Inquisição.

1.ª MULHER

Alimentado devidamente foi o fogo da religião.

2.º HOMEM

Vivos estão ainda entre nós aqueles que o meirinho multava.

2.ª MULHER

E a multa não se eximiam os que ao domingo, a taberna, à santa missa preferiam.

3.º HOMEM

Devidamente nós pagávamos o nosso gosto pelo vinho.

3.ª MULHER

E a Igreja não perdia.

4.º HOMEM

Agora o execrado crime
nós o devemos praticar
pela prosperidade da Nação.

OS 7 POPULARES

Chegaremos alguma vez a saber
o que querem de nós os governos?

SR.º SABIANI

Não é justo! Dizerem que a minha filha se sumiu
com o primeiro maltês que por aqui passou...

SR. SABIANI

Infâmias dos Liberais! Tudo lhes serve para a pro-
paganda política.

SR.º SABIANI

Não é justo! Acusarem-nos de cobrar dinheiro aos
peregrinos que querem beijar o berço onde a Bem-
-Aventurada abriu os olhos...

SR. SABIANI

Os hereges deturpam tudo.

SR.º SABIANI

Não há nada mais natural que essas almas aflitas
queiram deixar uma lembrança àqueles que puseram
no mundo quem por elas intercede.

SR. SABIANI

É indigno dar a isso o nome de negócio.

SR.º SABIANI

Oh, creiam, creiam, a nossa vida não é fácil!

SR. SABIANI

Não é sem custo que se colhem os frutos da santi-
dade.

Sai o casal Sabiani pela E.

1.º HOMEM

Conhecemos tempos melhores.

1.º MULHER

Os reis eram nossos senhores absolutos.

2.º HOMEM

Não sabíamos o que era democracia...

2.º MULHER

...e como agora nascíamos e morríamos.

3.º HOMEM

Esses eram tempos de paz.

3.ª MULHER

Agora, o rei tem ideais...

4.º HOMEM

Damos vivas à liberdade.

1.º HOMEM

Diz a Constituição que somos todos iguais.

OS 7 POPULARES

Mas ameaçam-nos com a prisão;
porque um anjo desceu em Gal.

Entram pela D., *Zenóbia*, zelosa funcionária de «Ardinelli & Tricoteaux, Investimentos em Gal» e Jerónimo Tricoteaux, sócio e secundária figura da dita empresa. *Zenóbia* é uma mulher de trinta anos. A sua fermentada fealdade é agravada por um daqueles bigodes que não raro aparecem na cara de certos viragos da raça mais genuinamente latina. Traja com o agressivo puritanismo das anquilosadas virgens da sua espécie. A rigidez da sua angulosa configuração, denota uma força de carácter que se afirma no sentido da mais baixa materialidade. *Jerónimo Tricoteaux* é um homem prudentemente apagado. Está a abeirar-se dos 40. É um daqueles seres que têm a coragem de nunca tomar abertamente a iniciativa, mas cuja astúcia é um bem precioso não só para eles como para aqueles que têm o talento de a saber usar.

ZENÓBIA

(procurando espalhar o pânico)

Os homens do Distrito estão cá outra vez. Trazem martelos e machados para destruir o oratório.

1.º HOMEM

(tom de protesto)

O oratório é o pão dos galeses!

OS 7 POPULARES

(exaltados)

Mostremos que pela nossa fé
estamos dispostos a matar ou morrer!

TRICOTEAUX

(apaziguador)

A autoridade é a autoridade. Iludir a lei, é o lícito jogo da inteligência que para tal a concebeu. Afrontá-la, é o vergonhoso desaire da estupidez que a teme.

ZENÓBIA

(demagógica)

O Senhor Ardinelli é o nosso homem. Sabe convencer a autoridade sem nunca deixar de servir a lei.

OS 7 POPULARES

Teófilo Ardinelli é a nossa esperança!

ZENÓBIA

(para Tricoteaux)

Acompanhe-me, Senhor Tricoteaux. Vamos chamar esse amigo povo.

Saem os dois pela E.

1.º HOMEM

Gal era um monte de pedras.

1.º MULHER

No Inverno, as cadelas do frio os nossos ossos farejavam.

2.º MULHER

No Verão, pelos abutres do Sol era a nossa carne cobiçada.

2.º HOMEM

E ao Senhor, da nossa miséria falou a Bem-Aventurada.

3.º MULHER

E pela graça divina floresceu o comércio local.

2.º MULHER

/ Nos dias de romaria com barracas coloridas cobrem-se as pedras de Gal.

3.º HOMEM

Não só com vinho e comidas prosperam nossos negócios.

4.º HOMEM

Nas tendas mais concorridas pelos romeiros sequiosos, dão mais lucro que as bebidas os artigos religiosos.

OS 7 POPULARES

Mas à indigna miséria voltaremos cheios de ódio, se em nome da liberdade destruírem o oratório.

Entram pela E. o Regedor Doménico Balboa e os dois Pastorinhos. Balboa é o tipo do cacique rural. Os Pastorinhos aparentam entre catorze e quinze anos. Têm na face o pasmo dos iluminados que os isola dos presentes. Balboa ouviu as últimas palavras do Coro dos Populares.

REGEDOR

(apostrofando os Populares)

Cambada de idólatras! Uma nova raça veio ao mundo. A dos homens que não temem o que está por cima das nuvens. Veremos a outra face da Lua. Para isso fizemos uma revolução. Não a desvirtuemos, deixando-nos iludir pelas crianças. As crianças são sempre enganadas. Foi para garantir esse logro que o Reino dos Céus lhes foi prometido. Os Pastorinhos têm a estúpida obstinação dos que passam por inocentes. São dois perigosos agitadores.

A cena escurece, ficando só, no proscênio, os dois Pastorinhos, focados por uma luz especialmente cintilante.

PASTORINHOS

Ameaçam-nos com azeite a ferver
e vão levar-nos para a prisão.
Mas nunca o contrário diremos.
Para que a verdade triunfe na terra
vimos a celeste aparição.
Se os nossos olhos arrancarem
não perderemos a visão;
e no insone pulmão do mundo,
as infusas flores do sonho,
as suas pétalas fecharão.
Incomparável, incomparável
é a nossa exaltação!

30

A cena ilumina-se e repõe-se a situação anterior.

OS 7 POPULARES

Vivam os Pastorinhos!
Abaixo as mentiras dos liberais!

REGEDOR

Idólatras e imbecis! A Revolução veio provar que o mundo pode subsistir sem o engano das crianças. O Manual do Perfeito Revolucionário diz: «Acabem com o sonho e então, sim, veremos a civilização».

OS 7 POPULARES

Que quer dizer essa palavra?

REGEDOR

Os que estão em baixo virão acima. (*Empurrando os Pastorinhos.*) Vamos, papagaios de água benta!

Sai, arrastando as crianças pela D.

OS 7 POPULARES

Os que estão em baixo virão acima!
Sempre foi esse o movimento do mundo.
Chamam-lhe agora democracia.
Em qualquer tempo e qualquer lugar,
dêem-lhe o nome que quiser,
de temer será o que subiu,
lamentável será o que baixar.

31

Entra o Regedor pela D.

REGEDOR

Está restabelecida a ordem. O oratório será destruído e as crianças estão na cadeia porque fazem perigar as leis do Estado tendo visto um anjo. O progresso triunfa em Gal.

Entra pela E. Teófilo Ardinelli, seguido de Zenóbia e Jerónimo Tricoteaux. Ardinelli é um homem no vigor da vida, de tez muito escura e traços marcados. Encarna, na expressão e atitudes, o modelo dos bandidos do sul da Itália, cuja crueldade tem sempre um aspecto sentimental, quando não lírico. A sua entrada coincide com as últimas palavras do Regedor.

ARDINELLI

(voz lenta, falsamente amigável)

Doménico Balboa! Quer-me parecer que Deus não gosta do progresso.

REGEDOR

Do que Deus gosta ou não gosta é coisa que não me incomoda, desde que a Revolução deitou a língua de fora aos mandamentos.

ARDINELLI

(lastimoso)

O outro Regedor disse o mesmo *(faz o sinal da cruz)* e eu benzo-me só de pensar no que lhe aconteceu.

TRICOTEAUX

Nunca será de mais lastimá-lo.

ZENÓBIA

Pobrezinho! Também quis destruir o oratório e ficou roído de remorsos...

ARDINELLI

Não é de espantar que o demo lhe metesse uma bala no revólver e ...zás... estourasse os miolos.

REGEDOR

Eu nunca chegue a deputado se o demónio que armou a mão do Regedor não se chama Teófilo Ardinelli.

ARDINELLI

~~A tua heresia brada aos céus. Queres coisa mais natural que um homem ficar danado porque ousou tocar num dos cabelos de Deus?~~

REGEDOR

Todos o sabem. Mas coseste-lhes a língua com o dinheiro da santa e foste solto por falta de provas.

ARDINELLI

Pois eu diria que me soltaram para provar que ainda há justiça sobre a terra. Esta é que é a verdade. Porque a minha boca não se abre sem que por ela saia o coração.

REGEDOR

Se algum dia abrisses a boca para dizer uma verdade, vomitavas o saco das esmolos.

ARDINELLI

Nunca se ouviu maior calúnia. Se não fosses um puro pagão verias que eu sou o Tesoureiro das Esmolas porque nisso anda o dedo de Deus. Não estava a Bem-Aventurada destinada ao meu leito? (*Para os Populares.*) Conhecem pessoa mais indicada para gerir os negócios da santa?

OS 7 POPULARES

Não, não conhecemos!

ZENOBIA

O patrão Ardinelli é um bom administrador!

TRICOTEAUX

Não está longe o dia em que o dinheiro das esmolos começará a dar-nos frutos.

ARDINELLI

(em tom de comício)

«Ardinelli & Tricoteaux, Investimentos em Gal» é só o começo. Com um oratório de pinho não pode-

mos esperar grandes donativos dos romeiros. Os meus planos vão mais longe. Elevar o nível social das peregrinações. Ergueremos uma basílica de mármore. ~~Um templo condigno para as milionárias arrependidas se despojarem das suas jóias.~~ Teófilo Ardinelli prometo-vos que, entre as pedras de Gal, onde agora rebentam silvados, correrão rios de ouro.

OS 7 POPULARES

Viva o Tesoureiro das Esmolas!

ARDINELLI

(ameaçador)

Põe os olhos nisto, Doménico Balboa! (*Dá um passo em frente, no que é imitado por Zenóbia e Tricoteaux, formando os três um cerco apertado à volta do Regedor.*) Porque se o oratório não ficar de pé, nunca mais verás outro exemplo de democracia.

REGEDOR

(atemorizado)

Que vão fazer? (*Os três apertam mais o cerco.*) ~~Acudam! Acudam!~~ Querem matar um liberal! Vão paralisar a máquina do progresso! (*Os três fecham implacavelmente o círculo.*) Socorro! Socorro! De outro modo nunca vereis a outra face da Lua...

A cena escurece, ficando apenas iluminados os Populares, que se mantiveram alheios à situação precedente.

OS 7 POPULARES

Lamentamos Doménico Balboa
que acreditava nos Direitos do Homem
e nos negava o direito à vida.

*A cena é iluminada e está deserta. Apenas Balboa
pende, enforcado, no pelourinho.*

OS 7 POPULARES

(apontando com horror o enforcado)

Canção
Oh, a voz da consciência
a que pode um homem levar!
Impossível é executar a lei
sem a Deus atraiçoar.
De Balboa, que por coerência,
como exemplo ao mundo legou
este espectáculo de horror,
sempre com respeito diremos:
Que muito temeu a Deus
e foi um bom Regedor.

Entra Zenóbia, afogueada, pela E.

ZENÓBIA

Está restabelecida a ordem. O povo assaltou a prisão. Soltaram os Pastorinhos. Os homens do Distrito foram corridos à pedrada. O oratório é indestrutível.

1.ª MULHER

Seja o acontecimento festejado!

OS 7 POPULARES

Bebendo, bebendo...

1.ª HOMEM

Alegremos os nossos corações!

OS 7 POPULARES

Bebendo, bebendo...

2.ª MULHER

Corra o sangue do Crucificado!

OS 7 POPULARES

Bebendo, bebendo...

2.ª HOMEM

Sempre nas grandes ocasiões...

OS 7 POPULARES

...bebendo, bebendo...

3.º HOMEM

... na memória o ponteiro paramos.

OS 7 POPULARES

Bebendo, bebendo...

3.ª MULHER

... o sumo do imolado cordeiro.

ZENÓBIA

Vamos, amigos! Nós pagamos o vinho. Hoje é por conta de «Ardinelli & Tricoteaux, Investimentos em Gal».

Saem Zenóbia e os Populares, em grande animação, pela D., cruzando-se com as Três Bailarinas que entram em passos de dança, agitando pandeiretas. Os seus trajes são garridos e vêm toucadas de flores e fitas. Dirigem-se, bailando, para o pelourinho e formam roda à volta do enforcado, instigando o ritmo frenético da dança com batidas nas pandeiretas.

BAILARINAS

(enquanto bailam atacando a canção com gritos selvagens)

Gus! Gus! Gus!
Bailemos, irmãs, bailemos!

38

Do mundo esta negra hóstia
com cantigas expulsemos!
Gus! Gus! Gus!
Amanhã iremos à missa.
Sobre o oratório de Gal
brilha a hóstia da justiça.

PANO

IN
OPE

II EPISÓDIO

No bordel de que Madame Olympia é proprietária. Em cena, três prostitutas. Uma delas, a menina Domi-cella, está vestida como as coristas da época e toca viola, pousando um pé sobre uma cadeira que está junto de uma mesa. Revela os sinais de uma juventude em declínio. É a mais velha das três. As outras duas estão de pé, uma delas, vestida de camisa de noite, puxa as fitas do espartilho da outra rapariga, que está em culottes. O aposento apresenta todo o possível exagero da decoração característica de um bordel da época. Em destaque, um manequim de modista, forrado de seda negra, representando um tronco sem braços, assente num suporte de madeira.

DOMICELLA

(cantando e tocando)

Andorinha gloriosa
o anjo pisou a rosa!
Quando a prostituta nasceu
o mundo de luz encheu.

IN

Entram pela D., Madame Olympia e Pupi, aliás, Melânia. Olympia é uma sexagenária de carnes retumbantes. Está cingida num vestido vermelho. Um grande decote deixa expostos, quase até aos mamilos, os imensos seios. Uma grande pluma violeta adorna-lhe o penteado. Pupi é uma jovem de 18 anos, bastante vulgar que, com a idade, se transformará numa mulher grosseira. É muito acanhada e trajá como uma provinciana.

Revolve, nervosamente, o saco entre as mãos.

M.^{me} OLYMPIA

Apresento-lhes a menina Pupi. Ela vem juntar-se à nossa pequena comunidade. Reparem nas suas faces. São duas frescas margaridas.

As duas que estão de pé falam sem olhar a recém-vinda, continuando entregues à sua ocupação.

AS 3 PROSTITUTAS

Bom-dia! Desejamos-lhe as boas-vindas.

DOMICELLA

(abandonando a viola sobre a mesa e aproximando-se dela)

Madame Olympia tem razão. As suas faces são duas flores campestres. Não imagina como gosto do campo. Não tenho dúvidas de que seremos boas amigas.

PUPI

Oh! É uma grande amabilidade. Não esperava uma recepção tão calorosa. Sinto-me tão comovida que não posso sustar as lágrimas. (Choramíngua.) Uma amizade tão sincera é um bem que não mereço. Porque eu não tenho direito a nada. Nem sequer à luz do Sol. No mundo não há buraco onde me possa meter. Sou pior do que um rato. Não exagero se lhes confessar que estou morta.

M.^{me} OLYMPIA

(beliscando-lhe os seios)

Morta?! Ora... Ora... Com estes dois meigos girasóis?! (Ao ser beliscada, Pupi reage com uma gargalhada idiota na qual se mistura ainda o pranto. Madame Olympia belisca-lhe o sexo. Mesmo jogo de Pupi já sem lágrimas na voz e francamente divertida.) E que direi desta flor do amaranto?

PUPI

(deixando de rir e muito convicta)

A senhora é muito terna. Vejo que nos vamos dar muito bem.

M.^{me} OLYMPIA

Ainda bem que não é ingrata. Mas não é tudo. O seu espírito está pouco desenvolvido.

PUPI

(desgostosa)

Acha que sou muito estúpida? Isso desgosta-a.

As duas raparigas entregam-se a outra ocupação. A que puzava os atilhos do espartilho senta-se de costas, e a outra vai buscar uma escova com a qual escova os cabelos da companheira, caídos pelas costas da cadeira. Domicella volta a pegar na viola, simulando tocar.

M.^{me} OLYMPIA

Pelo contrário. A sua estupidez entusiasma-me. Não imagino melhor qualidade para a carreira que tem na sua frente. Nesse capítulo, vaticino-lhe um grande sucesso. As pessoas que nos frequentam são muito profundas. Os superficiais contentam-se com o leito con-

jugal. Nada mais decepcionante para uma pessoa profunda do que um parceiro que pensa. Isso pode representar a impotência.

PUPI

Não julgue que não sou capaz de me adaptar a qualquer situação. A minha natureza é humilde. Em pequena quis ir para um convento.

M.^{me} OLYMPIA

Essa sua inclinação alegra-me.

PUPI

Cheguei mesmo a flagelar-me.

M.^{me} OLYMPIA

Bravo! Não esperava tanto. A flagelação da carne! Eis o termo que diz tudo. Já que me compreende, prepare-se para ouvir um pequeno discurso. Já ouviu falar em pontes? Na luta contra o analfabetismo? Na América, um sábio acabou de descobrir a lâmpada eléctrica. Os homens procuram a luz. Pois bem, tudo isso se constrói sobre a sua carne.

PUPI

(de olhos arregalados)

Meu Deus! Ninguém diria.

M.^{me} OLYMPIA

Não se assuste. Para esse efeito, dispomos de exercícios espirituais. Ouça (*em transe*):

Oh, sublime criatura de Deus!
És sublime porque és abjecta.
Esta é a energia
que move a máquina a vapor.
Mortifica a minha carne!
Com os chicotes da tua perversão,
utilmente dilacera-a!
Com as lâminas dos teus vícios, retalha-a!
Eu sou a tua estrumeira,
a noite onde soltas os teus répteis.
Ejacula-os no meu ventre e sonha,
sonha o mundo! E ergue,
ergue torres aos astros!

PUPI

(*extasiada*)

A senhora é uma iluminada.

M.^{me} OLYMPIA

(*modesta*)

Não direi tanto. Sou antes uma boa jardineira. Cultivo com um certo carinho as flores do meu jardim de delícias. Mas não fiz mais que expor-lhe a teoria.

A prática, essa sim, é que exige uma grande força de alma. Vou dar-lhe um exemplo. (*Vai buscar o manequim, que traz para junto de Pupi.*) Mik é um bom exemplo. Mik é delicioso. Ou deliciosa, como o cliente preferir. Mik é uma sombra. Pode receber qualquer rosto. É a luxúria descarnada. A pura volúpia. Mik não é covarde. Não tem limites. Eu diria que nos seus braços se conhece o infinito. (*Enquanto fala dá toques rápidos no manequim como o escultor que demonstra a excelência da sua obra.*) Mas às vezes é preciso um rosto. (*Abandona o manequim.*) Uma face obsessivamente necessária e inacessível. Por isso, temos uma grande colecção. Enforcados, papas, noivas amortalhadas... (*Fazendo uma vénia.*) Até temos Sua Alteza Real. Porque há sempre quem queira fazer um atentado contra a vida do Rei. Espero que estes exemplos a convidem à prática da humildade. Comparada com eles, a menina não passa de uma mulher.

PUPI

Menos do que isso. Eu já disse que sou pior do que um rato. E depois do que ouvi, satisfaz-me essa minha condição. A senhora fez-me ver que ela é um bem para o mundo.

M.^{me} OLYMPIA

Ocupei-me do seu espírito. Agora vou tratar do seu corpo. Acompanhe-me ao guarda-roupa.

Saem as duas pela porta da D.

DOMICELLA

(tocando e cantando)

Quando a prostituta nasceu
O mundo de luz encheu.

IN

Entra Teófilo Ardinelli pela porta da E.

ARDINELLI

(da porta)

Alegrem-se, minhas mansas vitelas! Teófilo Ardinelli veio à cidade. *(Abandonam as três as respectivas posições)*. Em Gal sou um boi manso de responsabilidades. Mas quando corro para os vossos braços, sou um touro com cio.

As três correm para ele, que as enlaça.

1.ª PROSTITUTA

Oh, que agradável surpresa!

2.ª PROSTITUTA

Para nós é um dia de festa.

DOMICELLA

Não contávamos ver-te tão cedo. Os jornais dizem que foste preso.

Teófilo Ardinelli senta-se à mesa, sobre a qual Domicella abandonou a viola. Elas tomam lugar à sua volta.

ARDINELLI

(com afectada superioridade)

Abusos da liberdade de Imprensa. A verdade é outra. Fui detido para averiguações.

DOMICELLA

Vá lá a gente fiar-se nos jornais!

1.ª PROSTITUTA

Até falavam de crime.

2.ª PROSTITUTA

Acusavam-te de ter assassinado um Regedor.

ARDINELLI

A Imprensa não tem quilate moral para avaliar a grandeza de um sentimento como o remorso. Sim, porque foi o remorso e não Teófilo Ardinelli quem

despachou o tal Rêgedor para o outro mundo. Coisas que acontecem a quem faz pacto com o Inimigo. Salvo seja! (*Benze-se. Elas imitam-no.*) É claro que a polícia tem ideias... profissionais sobre o assunto. Aham suspeita a repetição do incidente. Não acreditam na regularidade da justiça divina.

DOMICELLA

Deixa-os lá! Nós acreditamos em ti.

1.ª PROSTITUTA

Ah, sim! Não és uma pessoa qualquer. Por pouco, casavas com uma santa.

2.ª PROSTITUTA

Quando vens à cidade, eu penso: Praza aos céus que Teófilo Ardinelli santifique a minha cama. E quando me dás uma moeda de ouro, guardo-a religiosamente porque acredito na multiplicação dos pães.

ARDINELLI

Pois alegrem-se, minhas borreguinhas. Esta noite dormireis todas em odor de santidade. Mas, primeiro, façamos um pouco de arte. Os galeses têm duas grandes vocações. Serem gangsteres na América ou cantores de ópera. É evidente que minha inclinação é a segunda. É uma pecha familiar. O meu primo Máximo Ardinelli, que emigrou para a América, hoje conhecido

pelo nome de Hiena de Chicago, mandou para o outro mundo duzentos incrédulos para fundar a maior casa de ópera dos Estados Unidos.

DOMICELLA

Que alma de artista!

ARDINELLI

Sim... Sim... Façamos um pouco de arte. Cantame uma canção, Domicella!

Domicella pega na viola. Teófilo Ardinelli prepara-se para acompanhar a canção, marcando o ritmo com um gesto inspirado.

DOMICELLA

(acompanhando-se à viola)

De Ardinelli, a bem-amada,
levou-a um anjo para o paraíso; *(bis)*
mas confiou-lhe o seu tesouro.
E sempre que ele vem à cidade,
se dorme com três raparigas,
dá-lhes três moedas de ouro.
Ardinelli, pela graça divina,
é Tesoureiro das Esmolas.
~~Porque os~~ oratórios, mesmo de pinho,
dão mais dinheiro que as escolas.

IN
e/ viola

E sempre que vem à cidade,
se dorme com três raparigas,
oferece-lhes três diamantes *dá-lhes três maldades de sempre*
e coloca-os nas suas ligas.

ARDINELLI

(batendo palmas)

Bravo! Bravo! Domicella é um rouxinol. Exaltou a minha alma sensível. Começarei por consagrar as flores da minha exaltação a esta ave canora.

Levanta-se e abraça-a. As outras duas ficam desapontadas. Pela D., entram Pupi e Madame Olympia que a precede. Pupi traz um penteador transparente, amplamente aberto, que deixa ver a roupa interior constituída por um colete e culottes, rematando em ligas vermelhas sobre meias negras.

M.^{ma} OLYMPIA

(indo ao encontro de Teófilo Ardinelli)

Teófilo Ardinelli! A tua presença é um sol de Maio nesta casa.

Quando Pupi e Ardinelli se encaram, recuam os dois.

PUPI

(à parte)

~~Santo Deus!~~ O meu noivo!

M.^{ma} OLYMPIA

(reparando na atitude de Teófilo Ardinelli)

Mas leio a estupefacção no teu rosto. (Volta-se e percebe que é a presença de Pupi a causadora daquela reacção.) Ah! Compreendo. Os encantos da menina Pupi cegam-te para a nossa velha amizade.

Pupi afasta-se e fica de olhos pregados no chão. Madame Olympia vai ter com ela e tenta erguer-lhe a cabeça.

ARDINELLI

(à parte)

Já se viu o diabo pintar a cara com as feições de de um santo para desencaminhar a virtude. Mas se não são estas as artes que puseram os traços da seráfica Melânia no rosto desta prostituta neófita, o mundo é uma bola de esterco e as crianças são os vermes mais imundos que nele se arrastam, pois empalmaram Teófilo Ardinelli, cujo talento para o crime já limpou o sebo a dois Regedores e está em vias de fundar o maior santuário da Europa latina.

M.^{ma} OLYMPIA

(para Pupi)

Então? Não seja pretensiosa. Lembre-se do que eu lhe disse. Ele tem muito por onde escolher. Ou será

que quer entrar em competição com Sua Majestade?
(*Para as outras.*) Vamos, meninas! Tudo indica que é
um caso de amor à primeira vista.

DOMICELLA

(*para Teófilo Ardinelli*)

És um galo doido. Não podes ver duas frescas mar-
garidas sem que as queiras transformar em flores de
cemitério.

Saem as quatro pela D.

ARDINELLI

(*para Pupi, que conserva a cabeça baixa*)

Se esse símbolo da corrupção é a que passa por
ser a Bem-Aventurada Melânia, o mundo está perdido.
(*Faz o sinal da cruz.*) E o pior dos criminosos tem
sempre uma razão para se julgar o mais virtuoso dos
homens. Pois não exagero, se disser que a Hiena de
Chicago tem muito a aprender com os dois nojentos
pastorinhos a quem eu hei-de apertar o gasganete para
não brincarem com os sentimentos de um homem
honrado.

MELANIA

Não há no mundo coisa mais digna de ser cuspid
do que eu. Mas os pastorinhos não mentem. Eles viram
o anjo.

ARDINELLI

Devo então entender o pior. A peste da terra con-
taminou os anjos. Porque, nesse caso, o tal anjo tem
menos moral que uma proxeneta. Anda a desviar noi-
vas honestas e, com a promessa do paraíso, mete-as
no bordel.

MELANIA

(*de olhos no chão*)

O anjo... é o padre Salata.

ARDINELLI

Olá! Esse padre afinal saiu-se um bom pássaro.
Preparou o golpe do milagre para explorar os pere-
grinos.

MELANIA

Eu tinha que vir para a cidade sem deixar rasto.
E isto só era possível se pensassem que eu tinha ido
para o céu, que é um sítio onde ninguém nos vai pro-
curar. Foi quando o padre Salata teve a ideia de se
servir das duas crianças e disse-me: «Chegou a altura
de não decepcionarmos os aborrecidos pastorinhos que
não te deixam em paz desde que lhes disseste que eu
era um anjo.» Estou muito arrependida. Mas aquelas
crianças eram tão curiosas. Ouviram vozes nas ruínas
e quiseram saber o que se passava. Prometi-lhes que,

se guardassem segredo, seriam recompensados com a celeste visão. E foram. Quando o ventre começou a inchar-me (*gesto de indignado assombro de Teófilo Ardinelli*), anunciei-lhes: «Chegou o dia. Ireis ver o anjo que vem para me levar ao céu. Fostes eleitos para testemunhar o prodígio porque a voz da inocência é o clarim que Deus escolhe para proclamar as suas maravilhas.» E assim foi.

ARDINELLI

(colérico)

Quer dizer que tu e esse Casanova de sotaina fizeram de mim o maior corno de Gal. Estou pior que um leão e tu vais fazer companhia aos dois Regedores... (*Lógico, falando para si.*) O que aliás é conveniente porque, se os devotos descobrem que a santa é este caixote de lixo, lá se vai o maior centro turístico da Europa.

MELANIA

(dramática, oferecendo o corpo)

Mata-me! Sei muito bem que estou danada. Tive a prova quando a criança não quis nascer e se desfez em sangue. «Não há mais que ver — disse ele —, o demónio quer tomar conta das nossas almas. O teu útero está amaldiçoado. Façamos penitência. Eu irei para a Índia apanhar lepra e tu irás para o prostíbulo penitenciar-te em vergonhas e vexações.» Foram estas

as suas últimas palavras. E confiou-me a Madame Olympia. Oh, mata-me! Não mereço outra coisa. Muito embora os meus pensamentos só estivessem em Deus. Sentia-me tão abrasada em amor divino que nem podia aturar a roupa que tinha vestida. Um dia, em que me vi mais afogueada, pedi-lhe: «Padre, afastai-me esta roupa do peito porque eu quero dilatar a minha alma.»

ARDINELLI

E o pardal desapertou-te o colete e dilatou-te o ventre. Agora, despede-te da vida.

MELANIA

(no proscénio)

Adeus, mundo! Inocente, comi
o fruto da proscrita felicidade.
Nas ruínas fizemos o obscuro ninho
e, como lagartos, sobre a daninha erva
criminosamente desmaiámos de prazer.
Sugado foi por nós o mamilo da treva.
Porque só quando a sombra a terra enlanguescia,
do subterrâneo que outrora servia
aos proibidos amores de capelães e monjas,
surgia o amado para que se renovasse
a velha história do ilícito amor.

ARDINELLI

(à parte)

Alto! Melânia falou num subterrâneo. Se assim for... Oh, se assim for, mostrarei à comissão canónica o que é uma coisa sobrenatural.

MELANIA

(oferecendo-se à morte)

Estou pronta.

ARDINELLI

Ainda não vomitaste toda a verdade e eu não quero que leves para o outro mundo nenhum pecado atravessado na garganta. Tu falaste num subterrâneo...

MELANIA

Foi o Padre Salata que o descobriu quando fizeram obras na sacristia. Levanta-se uma laje e há uma saída subterrânea que vai dar às ruínas do mosteiro. Foi por ela que nos sumimos quando o anjo me arrebatou. Já disse tudo. Agora mata-me. Mas antes, cospe-me. Não quero morrer sem que me dê essa honra. (Oferecendo o rosto.) Cospel.

ARDINELLI

(galante)

Eu sou um homem elegante. Não cuspo na cara de uma mulher. (Acaricia-lhe a face com indisfarçável

cupidez.) Sobretudo se essa cara é uma mina de diamantes, que é o que eu estou a ver na minha frente.

MELANIA

Não percebo. (Há pouco...)

ARDINELLI

Sou capaz de ser um lobo e um cordeiro. Tenho tantas personalidades quantas manchas tem a Humanidade. Confesso que me deixei cegar pelo ciúme. Mas acabo de descobrir que a tua vida me é preciosa. (Estendendo-lhe os braços.) Vem, bem-amada Melânia! Julgava-te no paraíso e encontro-te no bordel. Vendo bem, não há nenhuma diferença. Eu sempre disse que os prostíbulos são o único paraíso a que devemos aspirar. Porque é neles que se alcança a liberdade.

MELANIA

(no proscénio)

ambiente musical
cf Mamã
Chegada é finalmente a hora nupcial!
Reparado é o erro e ao noivo é devido o rubor da face virginal.
Em seus braços estarei
como se branco fosse o meu vestido
e me toucassem flores de laranjeira.

IN

+ OFF ?

PANO

FIM DO I ACTO

II ACTO

III EPISÓDIO

Nos escritórios de «Ardinelli & Tricoteaux, Investimentos em Gal». Ao fundo, uma porta envidraçada em que se lê à transparência e às avessas «Ardinelli & Tricoteaux, Investimentos em Gal». A todo o comprimento, corre um balcão, separando a porta da entrada dos escritórios propriamente ditos. No espaço correspondente a estes, três escrivaninhas. A uma delas está sentado Jerónimo Tricoteaux, escrevendo. A outra, de menores dimensões, é ocupada por Zenóbia. A terceira escrivaninha, de maiores proporções, destinada a Teófilo Ardinelli, está desocupada. Encostado à parede da D., um banco corrido, onde estão sentados o Guia Turístico e a Vendedeira de Rebuçados e Sabonetes Miraculosos, esta com um cesto aos pés. Na parede oposta, partindo do balcão, até uma porta perto do proscénio, alinham-se arquivos.

ZENÓBIA

(depois de examinar vários papéis espalhados sobre a escrivaninha e agarrando num deles que consulta)

Serviços de Turismo! *(O Guia Turístico levanta-se e apresenta-se a Zenóbia, que se põe de pé.)* O itinerário do costume. Primeira paragem: a casa onde a Bem-Aventurada nasceu.

GUIA TURÍST.

A Senhora Sabiani manda dizer ao patrão que as roupas da santa estão no fim. Só restam as costas de um colete de pano com malmequeres azuis. Todos querem levar uma relíquia. *de Santa*

ZENÓBIA

Tome nota, Senhor Tricoteaux. É preciso arranjar um novo estoque. Bom! *(Para o Guia.)* A segunda paragem?

GUIA TURÍST.

(em voz de guia)

E agora, senhoras e senhores, vão ver a escola onde a santa em criança revelou uma cultura tão fora do comum...

ZENÓBIA

(interrompendo)

Ó criatura! Quantas vezes lhe recomendei que ela não passou das primeiras letras porque era curta de ideias? Então não sabe que Deus escolhe os analfabetos para confundir os sábios? *(Para Jerónimo Tricoteaux.)* É preciso mandar imprimir folhetos. Se nos fiamos nestes guias, a santa tem tantas biografias quantas mentiras é capaz de contar um galês enquanto o diabo esfrega um olho.

Pela porta da rua, entra o Actor, figura bastante convencional da arte que representa.

O ACTOR

(do lado de fora do balcão)

Ardinelli & Tricoteaux, Investimentos em Gal?

ZENÓBIA

É, sim. O que deseja?

O ACTOR

Eu sou o Actor. Venho da parte da Agência Pró-Dignidade das Artes, especializada na colocação de artistas incompreendidos.

ZENÓBIA

Entre, entre e aguarde a sua vez. (O Actor levanta com um gesto pomposo o tampo do balcão que se encontra à D. do enfiamento da porta da rua, volta a fechá-lo e vai sentar-se no banco junto da Vendedeira. Zenóbia volta a sua atenção para o Guia Turístico.) O resto já sabe. A visita ao local da aparição e, a terminar, o almoço no restaurante «Petiscos de Santa Melânia». É tudo.

O Guia Turístico abandona o escritório, abrindo e fechando o tampo do balcão e sai pela porta da rua.

ZENÓBIA

(depois de voltar a consultar a lista)

Indústria de Rebuçados e Sabonetes Miraculosos!

A Vendedeira levanta-se, pega no cesto e apresenta-se.

VENDEDEIRA

(num pregão guinchado que torna indistintas as palavras)

A imagem de Santa Melânia em rebuçados para curar a tosse! A imagem de Santa Melânia em sabonetes para curar a erisipela!

ZENÓBIA

Ó mulherzinha, não esganice tanto a voz. Quem a ouvir há-de dizer que traz nesses cestos hortaliças podres. Lembre-se que está a apregoar mercadoria santa. (Para Jerónimo Tricoteaux.) Explique-lhe como é, Senhor Tricoteaux, que o patrão Ardinelli diz que isso da estética é lá consigo.

Jerónimo Tricoteaux abandona a escrivaninha, vem para junto da Vendedeira e assume, com convicção artística, o seu papel.

TRICOTEAUX

(depois de tossir para aclarar a voz e atacando em tom de cantochão)

A imá-á-á-gem de Sã-ã-ta, Melã-ã-nia em sabo-nê-ê-tes para curá-á-ár a erisi-pé-é-é-la...

VENDEDEIRA

Ah, estou a ver. É como na missa cantada.

TRICOTEAUX

Se pusermos canários em vez de padres, está certo.

Volta a ocupar a escrivaninha.

ZENÓBIA

E agora, não se esqueça de entremear os pregões com narrativas exemplares. Um juiz que estava a finar-se de bronquite... A mulher de um meirinho que se queria atirar de uma janela por causa da comichão..., etc... Bom, vá lá à sua vida.

A Vendedeira sai para a rua.

ZENÓBIA

(após consultar a lista)

Secção dos Miraculados!

O Actor levanta-se com grande dignidade professional.

O ACTOR

O teatro é a arte da insensibilidade. Diderot o disse: Os chorões fazem má figura no palco. A predilecção por um papel, é o sinal de uma sentimentalidade que só o actor medíocre conhece. O meu repertório é tão vasto quantas as causas que a miserável Humanidade a que chamamos plateia exige ao actor para verter lágrimas. Escolham! (*Jerónimo Tricoteaux levanta a cabeça dos papéis e observa.*) Começarei pelo ladrão arrependido.

ZENÓBIA

É pouco espectacular.

O ACTOR

Posso forçar a nota. O carrasco que faz versos.

ZENÓBIA

O que nós queremos é um aleijão que se veja.

O ACTOR

Nada mais fácil. Vejam! (*Torce-se todo e caminha como um monstro.*) Piedade! Piedade para o pobre aleijado de nascença! (*De repente ergue-se, fica são como um pêro e põe-se a correr de um lado para o outro gritando.*) Milagre! Milagre! Nasci com uma perna mais tolhida que um torresmo e já posso correr como uma lebre.

ZENÓBIA

(para Jerónimo Tricoteaux)

Não percebo nada de teatro. Mas quer-me parecer que este actor é um canastrão.

Tricoteaux abandona a escrivaninha e junta-se a Zenóbia.

O ACTOR

(parando, ofegante, na frente deles)

Que tal?

TRICOTEAUX

O meu amigo tem génio. Mas é um realista. O público não acredita na realidade.

O ACTOR

Ora essa, então em que é que o público acredita?

TRICOTEAUX

Nos anjos.

O ACTOR

(animado)

Também posso fazer esse papel.

ZENÓBIA

Ó homenzinho! O que nós queremos de si é que você tenha um defeito físico e que fique curado por obra e graça da Bem-Aventurada. Não é capaz de arranjar outra mazela?

O ACTOR

Posso fazer de mudo. Reparem. *(Faz o jogo.)* Me... Me... Me... Mi... Mi... Lá... á... á... á... gre!

Jerónimo e Zenóbia seguem suspensos o tartamudear do Actor.

TRICOTEAUX

(detendo-o)

Assim! Nem mais uma palavra.

O ACTOR

É pena! Tratando-se de um homem que recupera a fala, a situação presta-se a um tipo de verbosidade bastante fecunda.

TRICOTEAUX

É precisamente isso que convém evitar. Em vez de falar, desmaia.

Entra Teófilo Ardinelli pela porta da rua. Vem muito excitado.

ARDINELLI

(dando um murro em cima do balcão)

Um sucesso! *(Levanta o tampo do balcão, que deixa aberto, e entra triunfalmente no escritório.)* Um su-

cesso! De todos os pontos do país acorrem como formigas ao mel do milagre. Chegam às centenas. Por este caminho, amanhã teremos cá muitos milagres. (Para Jerónimo Tricoteaux.) Os altifónios já chegaram.

Acerca-se da sua escrivantina e, mesmo de pé, consulta, distraidamente, os papéis sobre ela acumulados. Zenóbia vai ocupar o seu lugar, afectando aplicação profissional, depois de lançar um olhar de calorosa intimidade a Teófilo Ardinelli.

TRICOTEAUX

Onde devo colocá-los?

ARDINELLI

(sem levantar os olhos dos papéis que folheia)

Nos locais de maior ajuntamento.

TRICOTEAUX

(para o Actor)

Acompanhe-me! Pelo caminho dar-lhe-ei instruções sobre o género de desmaio que esperamos do seu talento.

Tricoteaux fecha cuidadosamente o tampo do balcão e sai com o Actor. Teófilo Ardinelli desvia-se da escri-

vaninha em direcção a Zenóbia, segura-lhe o queixo e abana-o com intenção maliciosa. Esta abandona-se, derretida.

ARDINELLI

(ajastando-se de Zenóbia e embriagando-se com as próprias palavras)

Eu sempre disse que o que faltava neste país era um grande milagre. Mas os meus cálculos foram excessivos por uma indigência nacional a que eu não ousava aspirar. É sabido que a necessidade de Deus aumenta à medida que a economia de uma nação se atrofia. É com deleite que me revejo nesta obra. Se o prazer do homem vulgar é aliviar-se da porcaria que o entulha, o que faz dele um artista é deleitar-se na contemplação das próprias fezes.

ZENÓBIA

(aproximando-se dele, dengosa)

Teófilo Ardinelli! Até ao fim dos meus dias hei-de viver embevecida por ti. Só tu eras capaz de ter a ideia de aproveitar o velho subterrâneo e cavar uma galeria lateral que vem dar a esta casa.

ARDINELLI

Desta vez apurei a minha técnica.

ZENÓBIA

Eu bem digo que é o céu que te inspira.

ARDINELLI

Sim... Pôs no meu caminho um engenheiro desempregado. Oportunidades de um país sem indústria. Quando o alçapão se abrir, a nossa santa será içada por um elevador que deslizará por detrás de um muro do velho mosteiro. (Sonhador.) Melânia pairará nos ares...

Melânia entrou, um pouco antes, pela porta da E. Vem vestida de santa no sentido mais iconográfico do termo. Manto azul, etc. Antes de penetrar na cena, assegurou-se, espreitando para todos os lados, de que não havia estranhos. Ouviu as últimas palavras de Teófilo Ardinelli.

MELANIA

(batendo palmas)

No ar!... Que bom!... Que bom!...

ARDINELLI

(ar de superioridade)

É o fenómeno de levitação em que alguns santos se especializaram.

Zenóbia, que fez um trejeito de mau humor quando Melânia interveio, encolhe os ombros e sai pela porta da E.

MELANIA

(aproximando-se)

Estou pronta para o ensaio. (Junta as mãos sobre o peito e ajivela um rosto idiota semelhante àquele com que nos nossos dias nos irrita a publicidade da pasta Colgate.)

ARDINELLI

(levando as mãos à cabeça)

Não, não e não!

MELANIA

(desfazendo a atitude)

Mas tu disseste que eu devia ter uma expressão de beatitude.

ARDINELLI

(requintado)

Referia-me àquela satisfação ideal que a arte mais perfeita interpretou. Tu não és uma santa qualquer.

MELANIA

(obediente)

Eu não sou uma santa qualquer...

ARDINELLI

Deus declarou a tua carne impoluta.

MELANIA

(excitando-se)

Deus declarou a minha carne impoluta...

ARDINELLI

...para que a virtude vencesse o peso da matéria...

MELANIA

(cada vez mais excitada)

Venci o peso da matéria...

ARDINELLI

...contrariasse a lei da gravidade...

MELANIA

(mais exaltada)

Contrariei a lei da gravidade...

ARDINELLI

... e ascendesses aos pélagos divinos.

MELANIA

(atingindo o êxtase)

Ascendi aos pélagos divinos...

ARDINELLI

(beliscando-lhe as faces)

Tens as faces coradas. A saúde de quem respira os bons ares do paraíso... (Atira-lhe a cabeça para trás.) A cabeça erguida... Os olhos transportados aos céus... pairando como constelações sobre a imundície terrena...

MELANIA

(no auge do êxtase):

A mim, a mim, mendigos do amor!
Do coração de Deus eu sou o templo em chamas.
Enquanto não derreter os glaciares do ódio,
as planícies nevadas do rancor
as minhas brasas jamais se apagarão.

ARDINELLI

Bravo! Encontraste o estilo.

falado - cantado? ou nada
"hm amargo"

IN

OFF?

MELÂNIA

~~Que suprema felicidade!~~ Não é verdade que tenho uma grande vocação para o teatro? Não julgues que não tenho razões para me julgar excepcionalmente dotada para o palco. Queres ver? Vou interpretar a última canção da Menina Domicella.

Arregaça a saia do manto, exibindo até à cintura a provocante roupa interior do I Acto. Acompanha a canção com elevação de pernas ao ritmo do «cancan».

MELÂNIA

(cantando)

Do amor, as desmamadas crias
procuram nossos ventres violáceos.
Somos a paz segura das famílias,
pais e filhos embalando em nossos braços.
Não inventámos o delicado vício
de em nosso corpo matarem borboletas.
Mas é roendo o osso deste ofício
que conquistamos a medalha
das machucadas tetas.

Teófilo Ardinelli, que acompanhou a exibição batendo palmas, agarra-se a ela, lubrificamente. Melânia segura as saias no ar, dispondo-se a prosseguir a dança.

ARDINELLI

(enquanto a enlaça)

Tens uma arte incomparável para tombares vertiginosamente do céu nos infernos da lascívia. Não concebo transição mais excitante. Esta noite dormirei contigo.

Zenóbia, que entrou um pouco antes, de chapéu na cabeça e preparada para sair, estaca, indignada, perante a cena.

ZENÓBIA

Ó sua grande desavergónhada! Tape já essas pernas! Isso não são modos de estar diante de um homem respeitável.

Melânia compõe-se atrapalhadamente. Teófilo Ardinelli fica muito confuso.

MELÂNIA

A Menina Zenóbia não gosta nada de mim, o que é uma grande injustiça porque eu dedico-lhe a maior das simpatias e até pensei oferecer-lhe um depilatório para o seu bigode.

ZENÓBIA

(fora de si)

Ah, malvada! Isto é carácter. E vais saber porque é que a natureza põe meia dúzia de graciosos pêlos na cara das suas filhas mais dilectas.

Avança para Melânia e sacode-a brutalmente.

ARDINELLI

(Para Zenóbia, que não o ouve)

Pára, pára, minha Zenóbia! Reconheço que a ira te empresta uma violenta formosura, mas...

Zenóbia, cega de cólera, não o ouve. Atira-a ao chão e dá-lhe pontapés. Melânia entrega-se com prazer à brutalidade da agressora.

ZENÓBIA

Toma, cadela!

MELANIA

(no chão)

Bata! Bata... Os demónios pedem-me estas flores de sangue.

ZENÓBIA

Toma!...

ARDINELLI

(implorando, mas sem intervir)

Formosíssima Zenóbia! Apelo para o teu sentido comercial. *(A estas palavras, Zenóbia suspende.)* Seria ruinoso se amanhã exibíssemos esta face celestial cheia de adesivos.

MELANIA

Concordo. Mas só na defesa dos nossos interesses.

MELANIA

(no chão, agarrando-se às saias de Zenóbia)

Não o ouça! Os Senhores das trevas cravaram os dentes no meu coração. Devo saciá-los. Munja, munja esta vaca maldita! Os reverberos reclamam o seu leite nocturno. Devo lamber os pés que me espezinham.

ARDINELLI

Melânia! Sou o primeiro a compreender que os pés da Menina Zenóbia são o suporte de uma notável cabeça e que é um privilégio lambê-los. Prestar-lhe-ás mais tarde essa homenagem. Agora o tempo urge. Vai limpar as nódoas do teu manto para recomeçarmos o ensaio.

MELANIA

(pondo-se de pé)

Fazes bem em chamar-me aos meus deveres. (*Entusiasma-se.*) Vou coroar-me de rosas. Espalharei nas minhas faces as leves tintas da alvorada e esfregarei o meu corpo com celestes unguentos. Sou tão feliz! Sou tão feliz!

Sai pela porta por onde entrou.

ZENÓBIA

(pondo as mãos nas ancas)

Teófilo Ardinelli! Estamos noivos, não é assim?

ARDINELLI

É o inevitável destino de duas almas gémeas.

ZENÓBIA

Pois bem. Tenho notado que as denguices dessa gata com cio te põem o sangue a ferver.

ARDINELLI

Espiritualíssima Zenóbia! Reconheço que a viciosa Melânia oferece todas as seduções de uma abjecção sem limites. Mas é aos dons do teu espírito que eu me

inclino e é aos teus pés que deponho o respeito de um homem que será teu devotado marido e gratíssimo pai dos teus filhos.

ZENÓBIA

(aplacada)

Agora, sim, reconheço-te. E se estiveres de acordo, eu própria me encarrego de livrar os pais de família de mais uma reles tentadora. (*Acompanha as palavras com um gesto de estrangulamento.*)

ARDINELLI

Caridosíssima Zenóbia! Gostaria de dar-te esse presente de núpcias. Mas a vida de Melânia Sabiani é um capital que não podemos deitar pela janela fora. Podemos precisar de novas aparições. Todavia tomei as minhas precauções. Madame Olympia tem várias sucursais espalhadas pelo país. Melânia irá apodrecer no mais longínquo túmulo dessa ilustre coveira da virtude.

ZENÓBIA

(com sinistro gozo)

Sepultada viva!

ARDINELLI

Pasto das larvas do vício!

ZENÓBIA

As brancas carnes abocanhadas pelas lesmas da luxúria. Oh, noivo incomparável! Com que equidade distribuis os grãos da justiça. (*Vem ao proscênio e recita:*)

(*Música?*)
A esposa vê nascer a manhã
ao lado do esposo. Assim é o amor.
A prostituta só se ergue do sarcófago
quando a bêbada lua vomita o pérfido licor.

(*Junta-se novamente a ele e torna-se prática.*)

Agora deixo-te. Vou ver se as barracas de vinhos e comidas têm suficientes provisões para que amanhã não me acuses de desleixo.

Sai pela porta da rua.

ARDINELLI

(*Só*)

Não tenho razões para me queixar. As largas ancas de Zenóbia dar-me-ão saudáveis herdeiros. Da sua sólida cabeça, espero a eficiente cumplicidade de uma sócia sem imaginação. E, quando a felicidade me apertar nas suas garras de tédio, descerei ao reino dos mortos e nos braços da impudica Melânia respirarei o hálito que exalam os sonhos sepultados.

Aparece Melânia, trazendo a mais sobre a cabeça uma coroa de rosas.

MELANIA

~~Amado!~~ Tenho uma coisa muito importante para te dizer! Estive a pensar e envergonho-me de ter sido tão leviana falando-te da minha inclinação para o teatro. Tu não gostarás de ver a tua mulher num palco.

ARDINELLI

Como podes pensar em coisas dessas. Esqueces-te que vivemos uma história de amor. O destino poupanos à mesquinhez da felicidade.

MELANIA

Oh! É assim tão terrível?

ARDINELLI

Os amantes são coisas terríveis.

MELANIA

Os amantes!... Como é bela essa palavra.

ARDINELLI

Separados, veremos o nosso rosto na nuvem... na gota de água.

MELANIA

(sonhadora)

Juntos, seremos sombras de saudosos corpos.

ARDINELLI

Vítimas da fatalidade!

MELANIA

É uma maravilhosa história de voluptuosidade e mortal

PANO

SŪ-MÊ PÔ-LI-BUS
CÔ-MI-NÊ DÁ-TIS

OFF

IV EPISÓDIO

Na sacristia da igreja de Gal. O Bispo, de alta estatura e marcada imponência, e o velho Cónego, muito curvado e surdo. A sua frágil estatura contrasta de forma impressionante com a majestosa figura do Bispo.

BISPO

Ontem, o corpo da Igreja foi sacudido pelos ventos da impiedade. Arremetem com tratados contra as portas do templo onde nasce a grandeza do rei e a humildade do pobre.

CÓNEGO

(pondo a mão no ouvido)

Hã? Hã?

BISPO

(gritando, impaciente)

Os Regeneradores da pátria querem acabar com os pobres.

O Bispo passeia.

CÓNEGO

(para si)

Qual é o rico, qual é o pobre
quando perdida a alegria das plantas?
Acaso existe na densa chuva
uma só gota que não se dissolva?

BISPO

(detendo-se e mimando com cólera o discurso dos parlamentares)

«Fora! Fora! — gritaram os fariseus no parlamento. — Cortemos esses membros podres se não queremos que a gangrena corrompa a civilização. Começemos por extinguir as ordens religiosas. Porque o monstro tem muitos fôlegos e a sua morte é demorada.» (Com ódio surdo.) E assinaram o decreto. (Pausa.) Isto é só o princípio. Começam por sangrar os cofres dos conventos. Mas se contra eles não erguermos a barreira da fé ardente do povo, acabarão por correr com o clero e apossar-se dos seus bens.

CÓNEGO

(pondo a mão no ouvido)

Hã? Hã?

BISPO

(mesmo tom de impaciência)

Querem deixar-nos de tanga.

Passeia.

CÓNEGO

(para si)

Obscuro é o caminho do homem
e claros os desígnios de Deus.
Por isso no termo da jornada
regressamos ao princípio
onde a verdade é nua.

BISPO

(detendo-se e apostrofando-o)

Depois da queda não há estado mais indecente aos olhos divinos do que a nudez. (Vai até à janela e olha o exterior. Depois fala, designando, com um gesto largo, o que viu.) Gal era uma charneca ressequida.

Hoje é um Prado onde vicejam, aos milhares, as impercíveis flores da fé. As autoridades fizeram tudo para os impedir. Dificultaram as passagens. Apedrejaram os peregrinos pelas estradas. Mas vieram cantando hinos.

Abandona a janela.

CÓNEGO

(levando a mão ao ouvido)

Hã? Hã?

BISPO

(impaciente)

Cantam hinos para afugentar as sombras da impiedade.

Passeia.

CÓNEGO

(para si)

Ó miserável condição humana
que te exprimes nos sons celestes da música!
É de te ouvires a ti próprio, ó homem,
que estás vivo e te espreguiças para Deus!
Retirem-te essa ténue luz
na hora da morte ou das aflições
e na taça da tua memória
beberás a penumbra do verme.

BISPO

(parando e crescendo de pomposa autoridade)

~~Esse é o fundamento do nosso poder!~~ Entre as trezentas mil ovelhas que vieram dos quatro cantos do país, dissimulam-se muitos lobos ateus. Vieram para cantar vitória porque os órgãos do governo escarneceram do milagre e prometeram que nada de sobrenatural ocorreria hoje em Gal. (*Sub-reptício.*) Se um prodígio humanamente inexplicável desmentir os vaticínios dos hereges, assistiremos a muitas conversões. Contra eles brandiremos a espada de uma multidão sedenta de milagres. Para que neste país não morram as verdades que se exprimem teologicamente. (*Pausa.*) De momento, é o que resta fazer. Depois... o tempo trabalha sempre a nosso favor. Se os Liberais se mantiverem no governo, tornar-se-ão conservadores e aliar-se-ão ao clero para utilizar a sua velha ciência de velar o sono das instituições. Tais são as razões que determinaram a minha vinda a Gal. Pela primeira vez, através de mim, Bispo eleito desta Diocese, a Igreja associar-se-á, em acto público, aos sucessos que inflamam todos os devotos deste reino e abalam o cepticismo dos descrentes. Eis o motivo por que mandei chamar Teófilo Ardinelli. Não é a primeira vez que o demónio trabalha para a glória da Igreja.

~~CÓNEGO~~

~~*(pondo a mão no ouvido)*~~

~~Hã? Hã?~~

BISPO

(gritando com decisivo enfado)

Estava a lembrar-lhe que são horas da sua sesta.

CÓNEGO

Ah! A minha sesta...

Dirige-se para uma cadeira onde gostosamente se acomoda para dormir.

BISPO

É preciso um certo grau hierárquico dentro da Igreja para contactarmos com as forças do mal sem nós deixarmos contaminar por elas. *(Designando o Cónego, que nesse instante caiu no sono e inicia um leve rressonar que irá tomando uma intensidade que se mantém durante o monólogo do Bispo.)* O Cónego na sua santa senilidade já só ouve as cítaras angélicas. Como eu invejo estas brandas candeias cujo único sustento é o azeite de Cristo! Ai de nós, herdeiros de Pedro, pedreiros do templo! Carregamos nos nossos ombros as calcinadas pedras do tempo. *(Ergue os braços e mantém-nos violentamente erguidos, elevando também o tom da voz.)* Oh, meu Deus! Tão transcendente é a tua essência que, para assegurar a sua verdade, grandes esforços são exigidos aos teus vigários a fim de a demonstrar! *(Pequena pausa, mantendo a mesma posição. Quando falar, violenta mais o tom da*

voz.) Porque não falas?... Porque emudeces quando os teus servidores estão em apuros para gerir os negócios da tua casa? *(Baixando os braços e a voz.)* A tua voz não soa dentro de mim. Reservas esse privilégio aos que dormem. *(Aponta o Cónego.)* Por isso eu vejo que eles são surdos para as vozes do mundo e as trombetas dos anjos soam quando eles rressonam. As cabeças que por engenho incomum pões no caminho da tiara pontifícia, entregas o fardo de decifrarem o teu silêncio. E eu leio que neste momento tu escreves direito por sinuosas linhas e queres que um mau ladrão seja o pilar da fé que te é devida. Se soou a hora do Anticristo, se o primeiro inimigo da alma que é o mundo já arrebanha as tuas ovelhas, a ignomínia de Barrabás é a flor mais casta que viceja neste lodo. Seja o pior a causa do melhor! *(Sacode o Cónego.)* Acorde, Monsenhor!

CÓNEGO

(estremunhado, e sob as sacudidelas do Bispo)

Renasce a perpétua aurora!
O galo canta três vezes!
Expira, expira, infinitamente!
A tua agonia é perpetuada
pelo inferno dos que te negaram.

BISPO

(abanando-o, com violência)

A sua sesta terminou.

CÓNEGO

(acordando)

Ah!... Sim.

O Bispo vai ocupar uma cadeira episcopal que está na sacristia. O Cónego segue-o tropegamente e coloca-se de pé ao lado do Bispo. Entra Teófilo Ardinelli. Faz muitas vénias e beija, com sofreguidão, o anel do Bispo. Este, visivelmente enojado, estende a mão ao Cónego que, automaticamente, tira das vestes um grande lenço branco de preciosas rendas com o qual limpa o anel, bafejando-o várias vezes para lhe dar brilho enquanto o Bispo fala.

BISPO

Teófilo Ardinelli! A Igreja não ignora que és a mais podre das suas ovelhas. Antes de morrer, o padre Salata legou-nos a sua confissão. (Retira a mão e fala, mirando preciosamente o anel.) É o testamento de uma alma purificada pela penitência. (Retira os olhos do anel.) A estas horas talvez já tenha visto a face de Deus.

ARDINELLI

Se a face desse leproso, com sua licença, pode contemplar a divina visão, não é este nariz cristianíssimo que deixará de choirar os celestes aromas.

BISPO

Chamei-te para que saibas que estás nas nossas mãos.

ARDINELLI

Eu nunca fiz outra coisa senão entregar-me nas mãos da boa religião. Porque a verdade é que eu sou um homem simples, incapaz de ter imaginação. Foi essa barrica de luxúria...

BISPO

(admoestando)

Segura a tua língua!

Teófilo Ardinelli força o Bispo a dar-lhe o anel a beijar. Este acede com repulsa.

ARDINELLI

Perdão, perdão, Excelência Reverendíssima!

Profere estas palavras enquanto beija repetidas vezes o anel. O Bispo volta a estender a mão ao Cónego, que executa o jogo precedente.

BISPO

(de mão estendida)

Uma vítima do terceiro inimigo da alma!

ARDINELLI

(voltando ao seu lugar)

Pois bem! Foi essa vítima do terceiro inimigo da minha dignidade que maquinou a história do milagre para desonrar a minha noiva e enganar os pastorinhos com um fato de anjo que foi alugar à cidade. *(O Bispo, que deu por finda a limpeza do anel, ouve-o, concentrando a atenção na pedra cujo preço parece avaliar.)* Se me podem acusar de alguma coisa é de eu pensar excessivamente nos outros. Isso sim! Foi por eles e não por mim que eu me meti a técnico de milagres. Melânia não é só a luz dos meus olhos mas a boa estrela destes pobres galeses que tinham teias de aranha no estômago antes de eu ter organizado as peregrinações. Já não falo dos benefícios dos comerciantes que são uma classe pouco simpática aos meus olhos. *(O Bispo desinteressa-se do anel e, com enfado visível, até falar, faz sinal de bocejar.)* Mas os mendigos que são eleitos do Senhor? Poupei-os às agruras da vagabundagem pelas estradas do reino. Agora, é a caridade que vem ter com eles. Passaram à situação de sedentários e criaram uma consciência de classe. Se disserem que eu ando a semear os germes de uma revolução social, então, sim, aceito. Porque não é segredo para ninguém que no fundo o que eu sou é um socialista.

A estas palavras o Bispo põe-se colericamente de pé. Até ao fim, o Cónego mantém-se no mesmo lugar.

BISPO

Teófilo Ardinelli! Julgava-te apenas um bandido. Agora vejo que a perversidade não é em ti uma tendência meramente temperamental. Tem raízes doutrinárias. *(Afasta-se da cadeira e acusa-o.)* Tu falas como os Regeneradores da pátria!

ARDINELLI

Longe de mim falar pela boca desses encantadores de serpentes. O que eu queria dizer é que sou um filantropo, no que não tenho mérito nenhum porque é o sangue que me puxa. O meu primo, a Hiena de Chicago, mandou para o inferno duzentos usurários para fundar a maior instituição de caridade dos Estados Unidos.

BISPO

És perfeitamente repugnante. Deus sabe que tudo fizemos para evitar este pacto. Quando Salata nos enviou a sua confissão, tornámos pública a nossa deliberação de observar a habitual reserva no reconhecimento de revelações particulares. Nestas desvairadas horas de propaganda antieclesiástica, não podíamos fornecer um pretexto aos nossos inimigos, revelando-lhes que o prodígio de Gal era a obra de um padre pecador. Mas é claro aos nossos olhos que Deus determinou que aqui seja a abjecção a mover as forças da fé. Vem! *(Abre a janela e ouve-se um hino religioso entoado por uma grande multidão.)* Contempla com os teus olhos perversos uma razão a que é forçoso

atender. Os Liberais dizem-lhes que Deus morreu. Posso eu ser cúmplice desse morticínio de almas servindo-lhes Deus moribundo na bandeja da verdade? Devo eu lançar sobre as verdadeiras obras de Deus; o estigma da suspeita, dizendo-lhes que o milagre que esperam é o vergonhoso consórcio da danação de um sacerdote e da cobiça de um mau ladrão? (*Fecha a janela. O hino cessa.*) Hoje, Melânia cumprirá a promessa que fez aos pastorinhos. Ela é a saúde dos enfermos e o refúgio dos pecadores.

ARDINELLI

(beato)

Vossa Excelência Reverendíssima acaba de praticar uma grande obra, dando-me a conhecer o segredo da verdadeira piedade. (*Transição, esfregando as mãos.*) E agora que somos sócios...

BISPO

(numa reacção violenta)

Essa palavra não pode exprimir um acordo no qual tu entras com o capital dos sete pecados mortais e em que a nossa parte é o desprezo por ti e o amor de Deus. Mas se te referes aos lucros do santuário; fica com a exploração dos terrenos e dos malditos estabelecimentos que neles construíres. Guarda para ti os

tijolos da Babilónia. (*Falsamente modesto.*) Nós contentamo-nos com os donativos dos devotos. Eles são a moeda da fé. Com ela, fortaleceremos os alicerces da Igreja, para que neste reino se não eclipse a luz de Deus.

PANO



IN
OFF

V EPISÓDIO

O cenário sobe para o fundo, culminando nas ruínas de um velho mosteiro. Só algumas paredes estão de pé e uma ou outra coluna do claustro à vista. No centro deste, ergue-se um oratório, enramado de verdura e flores, coberto e rodeado de uma profusão de velas votivas que ardem. Na parte mais baixa, próximo do proscénio, à D., uma barraca de cores berrantes na qual um cartaz anuncia: Vinhos e Comidas.

A meio da linha ascendente que representa a vertente de um outeiro, à E., de forma a ficar quase voltada para o público, dando a ideia de que faz frente às ruínas, uma tribuna com um baldaquino dourado sob o qual está o Bispo, ladeado de padres, todos de pé. A riqueza da veste episcopal contrasta com a negrura das sotainas sacerdotais. No ponto mais próximo das ruínas, estão os dois Pastorinhos, ajoelhados, de costas para o público. Em dois sectores assimétricos



estão os Enfermos e os Pecadores, formando leques que abrem no sentido ascensional.

Embora dêem a ilusão de estar voltados para o oratório, os seus rostos são visíveis. Entre os Enfermos, alguns esfarrapados, há aleijados com muletas, cegos com palas nos olhos, doentes deitados em macas ou amarrados a cadeiras de rodas. Deste grupo fazem parte as Mulheres Estéreis.

Estas têm os rostos esverdeados e os cabelos eriçados. Todos os outros Enfermos têm na face a lividez da cera. Como os Pecadores, constituem naipes distintos. Estes dividem-se em dois grupos: Os Pecadores e as Pecadoras. Os homens têm todos um ventre excepcionalmente desenvolvido e ostentam colares honoríficos e reluzentes cartolas negras, trajando da mesma cor. Os seus rostos são vermelhos. As mulheres trajam luxuosos vestidos de cores barioladas. Estão cobertas de jóias e toucadas de diademas. Na cor violácea que lhes tinga a face percebe-se o aflorar das caveiras. Quando o pano sobe, estão todos de joelhos, à excepção dos paralíticos, dos doentes de maca e do grupo eclesiástico.

BISPO

(com os braços abertos)

Ó débil evanescência que nascas com o primeiro vagido!

PADRES

Sofrei, sofrei, enfermos e pecadores! É a dor que reúne os átomos do efémero mundo.

BISPO

(mesma posição)

Ó coração humano! Ó lira dos sete tormentos! O teu som é um gemido que anuncia e determina a morte.

PADRES

Sofrei, sofrei, enfermos e pecadores! Esse é o preço que ameniza a expiação.

BISPO

(mesma atitude)

Quando a vossa carne sofrer mais do que poderá sofrer, quando vos espojardes no horror dos frenesins, sereis remidos pela infâmia dos suplícios e é à glória que sereis prometidos.

PADRES

Sofrei, sofrei, enfermos e pecadores! A oferenda dos vossos tormentos antecipa a vossa salvação!

Sentam-se o Bispo e os Padres. As Mulheres Estéreis erguem-se.

M. ESTÉREIS

Que fizemos dos nossos ovários que pertencem à nação?

Nossos ventres tão necessários
não dão carne para o canhão.

(mãos ao alto)

Choca por nós estes ovos,
ó orvalho da concepção!
Que se chegarem a advogados,
muito te advogarão.

Voltam a cair de joelhos. Os Cegos põem-se imediatamente de pé numa alternância de movimentos que é ritmicamente observada durante todo o recitativo.

CEGOS

Somos cegos e odiamos
a mão que para nós se estende.
A caridade está em saldo
mas é a nós que melhor se vende.
O criminoso será remido
porque os cegos nunca ofende.
Queremos ver a flor do crime
que a nosso lado rescende.

(mãos ao alto)

Ó farol dos naufragados!
Esperançoso azeite dos cegos!
Nossas lâmpadas acende!

Retomam a genuflexão, erguendo-se imediatamente os Aleijados.

ALEIJADOS

Somos grotescos aleijados.
Não pedimos esta existência.
Abominamos os nossos pais,
que não nos mataram à nascença.
As mulheres, por maldosa bondade,
são fiéis aos coxos e manetas.

(mãos ao alto)

Ó remédio dos estropiados!
Tira-nos estas grilhetas
e logo, ó bondosa maldade!,
por elas enganadas seremos;
e se tivermos filhos aleijados
a sua vida louvaremos.

Caem de joelhos, levantando-se os Pecadores dentro do ritmo adquirido na sucessão destes movimentos.

PECADORES

Degolámos as meigas aves
que em Abril fizeram ninho
no mais alto e verde ramo
que floriu em nosso coração.
Calçámos luvas suaves
e com carícias de veludo
roubámos o nosso irmão.

Possuímos a nossa riqueza
mais a sua privação;
ostentamos o nosso orgulho
mais a sua humilhação;
comemos amorosos veados
mais a sua falta de pão.

(mãos ao alto)

Intercede, ó flor das flores,
— pela nossa salvação!

Voltam a ajoelhar-se e levantam-se as Pecadoras.

PECADORAS

Para sermos amortalhadas
com jóias dignas de nós,
leiloámos nossos deleites
a exemplo das nossas avós.
Oh, os vermes, que esquisito
gosto têm dos diamantes!
Só por causa desses enfeites,
dormindo nossos maridos,
nós roubámos-lhes um pulmão.
São estes os estranhos pedidos
que nos fazem nossos amantes.

(mãos ao alto)

Intercede, ó flor das flores,
pela nossa salvação!

Ajoelham-se.

BISPO

(erguendo-se e abrindo os braços)

Rezai o Credo! Ele vos une na miséria.

Volta a sentar-se. Ouve-se uma surdina de Credo que se mantém na cena seguinte como som de fundo. Entram o Sociólogo e o Cientista Especializado em Medicina Retrospectiva. Dirigem-se à barraca.

SOC. E CIENT.

(junto da barraca, dando um murro no balcão)

Pagaremos uma bebida a quem procura a verdade!

Da E. entra, correndo, o grupo dos Burgueses, constituído por três homens e duas mulheres. São tipos incaracterísticos, trajando como pessoas da sua classe. Dirigem-se à barraca.

BURGUESES

(em coro)

Nós, nós, que temos sede!

1.ª BURGUESA

Vimos das quatro direcções.

1.º BURGUES

Prometido nos foi um milagre.

2.ª BURGUESA

Talvez o Sol rode três vezes...

2.º BURGUES

É o costume nestes casos.

3.º BURGUES

Mas se não virmos aparições?

1.ª BURGUESA

Ou do céu não choverem lírios?

1.º BURGUES

Não chegaremos a saber
se vivemos de ilusões...

2.ª BURGUESA

Ou da verdade não somos dignos.

*Cessa a surdina do Credo. Os Enfermos e os Pecadores
continuam em attude de prece.*

SOCIÓLOGO

Eu sou o sociólogo. A dor é uma invenção das religiões. O homem não sofre. A vida sorri-lhe ao primeiro vagido. Acreditamos na perfeição humana e demonstramos que Deus foi um susto que o primeiro homem teve ao cair-lhe o primeiro dente, muito antes de se ter inventado a prótese dentária. Hoje, morde com dentadura artificial mas, por teimosia, continua a acreditar que é imperfeito. Combatemos a dor. Progresso é a palavra que define o nosso combate. Trata-se da ciência de curar os homens. Muitos benefícios lhe são devidos, desde o fuzil aos anestésicos. Mas de todos, realçarei a guilhotina que tem livrado os oprimidos da cabeça de alguns poetas que se meteram a governantes. Viva a Revolução!

1.ª BURGUESA

Isto sim, é que é falar!

1.º BURGUES

Oh, a força de sermos perfeitos!

2.ª BURGUESA

Metralhem os céus!

BURGUESES

(coro)

Metralhemos!

2.º BURGUES

E do coração arranquemos
o espinho dos falsos defeitos.

*Os Pastorinhos erguem-se e voltam-se para o público.
Têm a mesma expressão beata do I Acto. A cena
escurece e eles ficam nimbados da luz especial que
assinala a sua intervenção.*

PASTORINHOS

Vimo-la! Vimo-la! ~~Vimo-la!~~
A branda pomba entre as ruínas,
descida do claro firmamento,
parando os pássaros no ar
e a respiração das colinas.
Não tinha a mais tenra ovelha,
da sua voz, o puro balir
quando abriu a boca vermelha
e disse acordando as pedras
do sono para a ouvir:
~~De hoje a um mês~~ mostrarei
que alta é a minha morada.
E quantos aqui vierem
ser-lhes-á a graça revelada.
Ela virá! Ela virá!
Orvalhada e resplandecente,
Melânia, a imaculada,
é a única que não mente.

110

A cena ilumina-se imediatamente. Enfermos e Pecadores
estão todos de pé, empolgados.

ENF. E PECAD.

Vai manifestar-se a glória do Senhor!
Nossos olhos verão a salvadora.
Deus a mandou para que jamais esqueçamos
que a escória da negra terra somos.

*Voltam a cair de joelhos e recomeça a surdina do
Credo.*

1.º BURGUES

Não há dúvida! Não há dúvida!

1.º BURGUESA

Fala o espírito de Deus
na boca dos inocentes.

2.º BURGUES

O que é oculto veremos.

2.º BURGUESA

Sáberemos o que somos.

3.º BURGUES

Que mortos aqui fazemos.

111

1.º BURGUES

E depois, o que faremos?

1.º BURGUESA

Rezar...

2.º BURGUES

Rezar...

3.º BURGUES

Rezar...

SOC. E CIENT.

(voltando a dar um murro no balcão)

Pagaremos uma segunda bebida a quem procura a verdade.

BURGUESES

(coro)

Nós, nós que temos pretensões espirituais...

1.º BURGUES

Vomitámos e não a achámos no nosso vômito.

1.º BURGUESA

Beijámos assassinos e não a achámos na sua boca.

2.º BURGUES

Amámos e não a achámos na vagina da amada.

2.º BURGUESA

Arruinámos banqueiros e não a achámos no seu dinheiro.

3.º BURGUES

Esventrámos famintos e não a achámos nos seus estômagos.

Cessa a surdina do Credo.

CIENTISTA

Eu sou o autor do conhecido livro «O Delírio Crónico De Jesus Explicado Por Uma Avitaminose No Qual Se Prova Que A Sua Morte Foi Provocada Por Um Derrame Plêurico». Os místicos são sempre esfomeados. O carpinteiro José debateu-se com a inevitável crise de desemprego e o metabolismo da criança foi afectado por uma indigência alimentar que lhe provocou os desequilíbrios que conhecemos em todos os fundadores de religiões. A principal característica dos Galeses é a fome hereditária. Observei os pastorinhos. As visões explicam-se por uma súbita contracção dos neurones muito comum nas vítimas da subalimentação. Combatemos o inexplicável. É um meio infalível de o homem ser inteligente. Viva a Revolução!

1.ª BURGUESA

Sangremos os padres!

BURGUESES

(coro)

Sangremos!

1.º BURGUES

Com milagres nos enganam.

2.ª BURGUESA

A Ciência é clarividente.

2.º BURGUES

A Medicina Retrospectiva
provou que uma criança demente
pode uma Igreja fundar.

3.º BURGUES

Dois mil anos é tempo demais
para um mentecapto nos enganar!

1.ª BURGUESA

Sangremos os padres!

BURGUESES

(coro)

Sangremos!

1.º BURGUES

Dá-lhes Deus a carne a comer

1.ª BURGUESA

e a nós as ilusões reserva.

BURGUESES

(coro)

Para que neste caixote de lixo
onde ao réptil disputamos a erva
jamais o guerreiro estremeça
outra noiva além da guerra.

SOC. E CIENT.

Estão satisfeitas as vossas necessidades espirituais.
Viva a Revolução!

BURGUESES

(coro)

Viva!

Somos felizes e inteligentes.
Não haverá nenhum milagre.

SOCIÓLOGO

Se hoje houver algum milagre em Gal, andarei de quatro patas no chão até ao fim dos meus dias.

CIENTISTA

É pouco. Rastejarei como um verme até à hora da minha morte.

Vestida de santa e coroada de rosas, Melânia começa a surgir lentamente no ar, por detrás de um troço das ruínas. Tem as mãos postas e a sua expressão é indescritivelmente beatífica. Um medonho grito, em uníssono, sai de todas as bocas, de forma a perfurar os tímpanos dos espectadores. O Bispo e os Padres, levantam-se e abrem os braços em cruz. Os Pastorinhos ficam inalteráveis. Durante a lenta ascensão, as cenas de histeria atingem o auge do horror. As Mulheres Estéreis arrepelam os cabelos. Os Aleijados atiram as muletas. Os paralíticos erguem-se das cadeiras e macas. Os Cegos tiram as vendas dos olhos. As Pecadoras arremessam as jóias e pisam-nas. Estão todos possessos. Alguns atiram-se ao chão e rebolam como endemoninhados. Executam todos estes movimentos repetindo em gritos lancinantes: Milagre! Milagre! Milagre!... Os Burgueses são atingidos pela possessão, jazendo por terra, convulsos. O Cientista e o Sociólogo lançam-se também por terra, ficando este de quatro patas no chão e rastejando, aquele, como um verme. Nesta posição, espreitam, com terror, para o sítio da aparição. Quando Melânia sobe completamente, de forma a ficar

MILAGRE

APARIÇÃO
HISTERIA
COLECTIVA

"única
to
milagre"



em corpo inteiro, suspensa sobre as ruínas, abre os braços em cruz e caem todos silenciosamente de joelhos, de cabeça e braços erguidos, incluindo os sacerdotes. Imobilizados, nesta atitude, ouvirão as palavras de Melânia.

MELANIA

Iluminado vedes agora
o que a escuridão oculta.
Bem-aventurados os que vêem
o negro volver-se em alvura.
O que estremecendo contemplais
é a flor do meu apogeu.
Construí a haste, um alto templo
tão alto quanto aos mortais
é possível escalamem o céu.

Começa a desaparecer. Permanecem todos petrificados. O Bispo e os Padres erguem-se levantando os braços em exaltação. O pano vai descendo lentamente.

BISPO

Aleluia!

TODOS

(movendo os braços no ar)

Aleluia! Aleluia!



BISPO

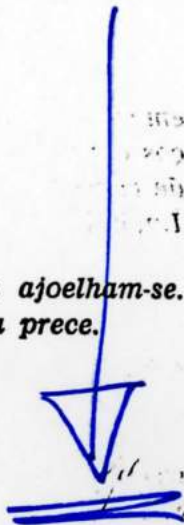
Catecumens!

(pondo as mãos)

Oremos!

*De mãos postas, o Bispo e os Padres ajoelham-se.
A multidão junta as mãos para a prece.*

PANO



III ACTO

VI EPISÓDIO

No Café daquela que é agora a próspera Senhora Domicella. Passaram trinta anos. Mesas, um piano, um balcão por detrás do qual há prateleiras com garrafas, barris de cerveja à vista, etc. Tudo no estilo dos botequins do porto do princípio do século que é a época em que a acção agora decorre. Uma porta com batentes de vidro que dá para a rua. Ouvem-se sinos ao longe, sucedendo-se em intensidades diferentes para indicar que são tangidos em várias igrejas. Em cena, três jovens prostitutas preparadas para sair, com mantilhas negras na cabeça.

1.ª PROSTITUTA

Há três dias repicam todos os sinos da cidade. Festejam a canonização de uma virgem deste país que há trinta anos, em sua carne, subiu ao céu.



CARRILHOES
TODA A CENA

2.ª PROSTITUTA

Que maravilha!

3.ª PROSTITUTA

Muitas coisas se disseram então. Porque eram tempos de heresia. Mas ela apareceu aos descrentes. Muitos a viram entre as nuvens e provou que os milagres não são uma invenção dos sacerdotes.

2.ª PROSTITUTA

Ai de nós, se o fossem! De que valia a vida?

1.ª PROSTITUTA

Dez anos depois, beatificaram a dilecta de Deus!

2.ª PROSTITUTA

Que escrupulosa é a Igreja!

3.ª PROSTITUTA

Mais vinte anos foram necessários para prosseguir com toda a segurança a sua canonização.

1.ª PROSTITUTA

E hoje, renova-se a glória da infalível Igreja!

~~2.ª PROSTITUTA~~

~~Esta é a antiga e perene alegria!~~

~~3.ª PROSTITUTA~~

~~Todos os crentes deste reino exultam com ela.~~

~~1.ª PROSTITUTA~~

Lojas, tabernas e oficinas fecharam as suas portas. A nossa patroa, a Senhora Domicella, seguiu este piedoso exemplo e colocou na porta um cartaz onde se lê: «Encerrado pela canonização de Santa Melânia».

3.ª PROSTITUTA

Ontem, na praça, o povo ouviu em silêncio pelos altifalantes, a fórmula de canonização lida pelo Cardeal.

2.ª PROSTITUTA

Que formosa língua é o latim!

1.ª PROSTITUTA

As coisas mais belas são aquelas que não compreendemos.

3.ª PROSTITUTA

Por toda a cidade, passeiam a imagem da santa, em procissão triunfal. Conduzem-na a Gal, onde, ama-

nhã, o Cardeal lançará a primeira pedra de uma basílica de mármore. Tal foi o desejo que a santa manifestou.

1.ª PROSTITUTA

Vieram de fora muitos Bispos e Cardeais. Será uma peregrinação sem precedentes.

2.ª PROSTITUTA

Que empolgantes são as solenidades da Igreja! Como elas nos fazem chorar.

3.ª PROSTITUTA

É por isso que os marinheiros americanos nos preferem.

1.ª PROSTITUTA

Eles gostam de nos ver com as lágrimas nos olhos e dizem que das raparigas de todos os portos, somos as mais sentimentais.

2.ª PROSTITUTA

É um privilégio irmos ver passar a procissão. Que bem nos ficam estas mantilhas negras!

3.ª PROSTITUTA

A Senhora Domicella foi muito generosa. Permitiu que escolhêssemos as mais bonitas da sua colecção.

2.ª PROSTITUTA

Ela tem coisas de muito valor.

1.ª PROSTITUTA

Teve sempre a cabeça no seu lugar.

3.ª PROSTITUTA

Cantou enquanto era nova, agora faz-nos cantar a nós.

1.ª PROSTITUTA

É bem simples a ciência da vida.

3.ª PROSTITUTA

Erram os que dizem que não podemos ter tudo.

2.ª PROSTITUTA

A Senhora Domicella tem tudo, tudo...

1.ª PROSTITUTA

Até tem o rapaz da Senhora Pupi.

Entram pela D. Paco e Domicella. Esta, é agora uma ruína em cujo rosto, grotescamente pintado, se estampam as escaveiradas feições de certas velhas de Goya. Traz saco de mão, mantilha negra e vem calçando as mitenes. Paco é um homem de pouco mais de 30 anos.

O cabelo é lustroso e usa bigodes excessivamente retorcidos como os galãs baratos da época. Traja com o luxo reles dos chulos.

DOMICELLA

(depois de lhe dar muitos beijos na face, a que ele corresponde com falsa efusão)

Até já, coelhinho amoroso!

PACO

Até já, veneranda tentadora!

DOMICELLA

Vou com estas meninas ver passar a procissão. Deixei tudo em ordem. Às nove horas, retiras o cartaz da porta. É a hora em que os marinheiros desembarcam. Se eles chegarem antes de nós, serve-lhes cerveja e faz-lhes cantar as canções das suas terras.

PACO

Vai descansada. O teu coelhinho olha por tudo. (As quatro vão a sair.) Mas não partas sem me dar outro beijo. Sem ti, sou um casco à deriva.
Domicella lambuza-o de beijos, no que é imitada por ele.

DOMICELLA

(suspirosa)

Ai... É uma felicidade ter um amiguinho tão terno que ainda por cima sabe zelar as nossas coisas.

Sai pela porta da rua seguida pelas três raparigas.

PACO

(no proscénio)

Chamam-me Paco, o Abutre,
porque das senis viciosas
consolo os mortais despojos.
Não é culpa minha, não é culpa minha,
se só na vizinhança da morte
a vida cumula as fanadas flores
com bens que de nada lhes servem
e que eu uso com justiça
em proveito de belas raparigas.
O amante precisa da amada.
Não é a isto que chamam amor?
Uns precisam do seu cheiro,
outros, da sua estupidez.
Eu preciso do seu dinheiro.
Não há forma mais apaixonada
de precisar de uma mulher.
Não é culpa minha, não é culpa minha,
se há tanta fome de amor
e dinheiro para o comprar.

IN

A velha Pupi foi sempre generosa.
Por muitos anos a acarinhei.
Mas agora sou o rapaz da decrépita Domicella
porque a fortuna desta ainda não dissipei.
A velha Pupi terá de ir para o asilo.
O seu caso está previsto.
É a função da caridade.
Não é culpa minha, não é culpa minha,
se gastou todo o seu dinheiro
porque nunca me recusava nada.

Tira da algibeira um polidor de unhas. Senta-se a uma das mesas, oferecendo as costas à porta da rua. Estende as pernas e, traçando-as, coloca os pés no tampo da mesa. Começa a polir as unhas negligentemente, bafejando-as de quando em quando. Pela porta do café entra Melânia, agora outra vez Pupi. Embora desfigurada por uma confrangedora decadência, o seu rosto é reconhecível. O traje denuncia uma grande penúria. Paco não dá pela sua entrada, mantendo a mesma atitude. Quando Melânia fala, sobe um som de carrilhão, executando uma música gloriosa que acompanha o seu discurso. Ela está colocada por detrás de Paco, no proscénio.

MELANIA

Há três dias repicam os sinos.
É por mim que estão a tocar.
E atrás de uma côdea de amor,
oh que caras são as carícias de Paco!
ando eu pelo cais a chorar.

126

O som do carrilhão desaparece e continuam a ouvir-se os sinos ao longe.

MELANIA

(ajoelhando-se e tentando abraçar as pernas de Paco)

Paco! Paco, meu pequenino! Tu não vais abandonar a tua Pupi.

Paco repele-a com o pé e fala sem deixar de polir as unhas. Melânia desequilibra-se.

PACO

Esse é o voto do destino desde que puseste no prego os teus últimos trastes.

MELANIA

(já de pé, victiosa)

Anda cá, pequerrucho! Tenho uma coisa para te dizer ao ouvido.

PACO

(polindo as unhas)

Agora sou indiferente a esse teu género tão preferido de perversões.

127

MELANIA

(desculpando-se)

Só procurei fazer-te feliz.

PACO

Pois agora se queres contribuir para a minha felicidade vai morrer numa sarjeta, que é um fim que muito dignifica uma prostituta velha.

MELANIA

Ó, Paco! Tu não podes dizer isso. Sei que já não sou uma rosa em botão. Mas o que perdi em frescura ganhei em lascívia maternal. E este aspecto também tem o seu lugar nas bizarras imaginações dos homens. Alguns jovens intelectuais, no auge do prazer, chamam-me mãe e dizem que isso é perscrutar a origem. Já o mesmo não se pode dizer da encarquilhada Domicella, ~~a quem faltavam três dentes quando entrei para a casa da Madame Olympia. (Põe-se outra vez de joelhos e tenta novamente enlaçar as pernas de Paco.)~~ Amorzinho, amorzinho da minha alma! Essa viciosa carcaça não te pode dar nada que a tua Pupi não te dê.

PACO

(empurrando-a e pondo-se de pé)

Uma conta no Banco e, quando morrer, o café mais cotado do maior porto do reino. (Ouve-se ao longe a

cantiga que os marinheiros cantarão quando entrarem no Café.) Alto! O cais começa a encher-se com as cantigas dos marinheiros. As suas vozes roucas indicam que esta é a direcção que o seu sangue procura. Vou retirar o cartaz.

Paco desaparece pela porta da rua. Sobe o som do carrilhão, executando a música que acompanha o recitativo de Melânia.

MELANIA ("prostrada")

(no proscénio)

texto - canto

Por um grande amor impossível
Aos 18 anos vim para o prostíbulo.
Ele foi morrer longe na Índia.
Foi uma perfeita história de amor
onde não faltou a maldição e a morte.
Por um grande amor impossível
aos 19 anos voltei para o prostíbulo.
Ele casou, enriqueceu e depois
muitas vezes veio dormir comigo
porque eu era o seu impossível amor.
Foi uma comovente história de amor
onde não faltou a fatalidade.
Por um grande amor impossível
aos 50 anos ainda disputo
marinheiros ébrios às sombras do cais.
Ele é muito terno se lhe dou dinheiro.
Tal é o amor de Paco, o Abutre.

Mas é destas aves que gostamos mais.
É uma verdadeira história de amor
onde não faltam a crueldade e a infâmia.

Desce o som do carrilhão e perde-se nos sinos do fundo. Entram Paco e Quatro Marinheiros, um francês, um inglês, um italiano e um alemão, que vêm cantando.

Paco vai para o balcão tirar cerveja.

4 MARINH.

(cantando)

Fifteen men on the Dead Man's Chest
Yo-ho ho and a bottle of rum!

MARINH. ING.

(que dá pela presença de Melânia, apontando-a e parodiando o último verso que canta de forma burlesca)

Yo-ho ho and an old old whore...

Atira-a para os braços do marinheiro francês.

MARINH. FRAN.

(acolhendo-a com grotesco entusiasmo)

Uh! Uh! Uh! Et une vieille vieille putain...

Empurra-a para os braços do marinheiro italiano.

MARINH. ITAL.

Eh! Eh! Eh! E una vecchia vecchia putana...

Joga-a nos braços do alemão, que segue o exemplo dos outros.

MARINH. ALEM.

Ho! Heil! Ho! Und 'ne alte alte Hure...

Durante este jogo ouve-se um repenir frenético de sinos no qual se misturam as gargalhadas ignóbeis de Melânia que, ao ser jogada, tenta acariciar, à passagem, o sexo dos Marinheiros que se afastam. A voz de Paco, que, por detrás do balcão segura duas canecas de cerveja em cada mão, cessa o repique de sinos, mantendo-se os do fundo.

PACO

La bière! La birra! The beer! Das Bier!

Os Marinheiros vão para o balcão beber cerveja, onde mantêm uma conversa com Paco, durante a qual gesticulam como ébrios, abraçando-se e dando palmadas nas costas uns dos outros. Sobe novamente o som do carrilhão.

MELANIA

(em pé)
(no proscénio)

Neste baixo mundo de sonho
só o impossível amor é real.
Por Paco o que não farei?
A que moribundo não roubarei o lençol?
Que recém-nascido não degolarei?
Outro amor exaltam os sinos.
Quantos enriqueceram com o meu altar?
Por amor de Teófilo Ardinelli
consenti nunca ao mundo revelar
que fácil era dormir com a santa
que, num bordel e não no céu, exercia
benemerências de que se não deve falar.
De Ardinelli eu era a proscrita amada.
Via o seu rosto na chuva
e era feliz em me calar.
Outras virtudes exaltam os sinos.
Quantos enriqueceram com o meu altar?
Por amor de Paco, irei ter com ele.
«Teófilo Ardinelli! — assim lhe direi —
Outro é o preço do silêncio agora.
Todo o dinheiro, oh, quanto dinheiro!,
bem-amado de ontem, te devo arrancar
para a Paco, o Abutre, nada recusar.»
Outra ária cantam os sinos.
Quantos enriqueceram com o meu altar?

PANO

VII EPISÓDIO

No Palácio Ardinelli. No proscénio, a cada um dos cantos, dois cadeirões dourados de talha barroca e costas excessivamente altas, onde estão sentados de forma a dar a ilusão que oferecem as costas um ao outro Zenóbia e Teófilo Ardinelli. Este é agora um velho curvado mas as rugas trouxeram-lhe à flor da pele sem vida os traços sinistros do seu carácter. Veste um roupão de rico brocado até aos pés. Zenóbia apresenta os sinais de uma velhice empertigada pelo rancor. Toda ela é uma catarata de jóias. Um diadema brilha sobre as suas cãs de megera. As mãos estão cobertas de anéis, o descarnado colo refulge de colares e as pulseiras sobem-lhe pelos braços esqueléticos quase até aos ombros. No próprio bigode tem semeados diamantes. As paredes do salão são nuas e desoladas. Não há outro móvel, além dos dois cadeirões. Apenas do tecto pende uma sequência de lustres que se estende ao longo da perspectiva do salão cujo termo os olhos perdem de vista.

ZENÓBIA

(para si, odienta)

Teófilo Ardinelli transformou-se num velho rabugento. Está na idade de falar sozinho. Mas eu não o deixo ganhar esse hábito.

ARDINELLI

(fazendo, solitário, o balanço da sua vida)

Não me poupei a sacrifícios para fundar uma família. Comecei com «Ardinelli & Tricoteaux, Investimentos em Gal» e preciso de fazer um esforço de memória para contar todas as firmas em que hoje se desdobra a minha Empresa. Não me queixo da ingratidão do mundo que soube reconhecer os meus esforços, cumulando-me com comendas e condecorações.

ZENÓBIA

(azeda, pondo a cabeça de fora e falando para o marido que a ignora)

Tudo à minha custa. Essas ridículas medalhas que enfeitam o peito de um velho avarento são o injusto galardão de obras de caridade nas quais empregas o dinheiro que me recusas para comprar a mais miserável das jóias.

Volta a empertigar-se.

ARDINELLI

(mesmo tom)

Construí este palácio para ilustrar a origem da minha descendência. Mas esta não chegará a ver a luz do dia. Tudo é inútil. Eu próprio não sei aonde vão dar estes corredores.

ZENÓBIA

(avançando a implacável cabeça)

Se ao menos soubesses que o corredor do teu quarto vai dar à minha cama, terias a ilusão de seres menos senil.

Recolhe a cabeça.

ARDINELLI

(impávido)

Casei com uma mulher de cuja fealdade esperava o apagado reconhecimento de uma esposa modesta. Saiu-me um odre de sensualidade. E se nunca me atraçou, devo esse benefício não à sua moral, que é nenhuma, mas ao bom gosto do sexo masculino.

ZENÓBIA

(pondo a cabeça de fora, cruelmente vitoriosa)

Sei muito bem que toda a vida só gostaste de putas. Por isso mesmo nunca te quis dar o gosto

de ser uma desavergonhada. Entre a porca volúpia de seres atraído e o tédio de o não seres, optei pelo sentimento que mais te aborrecia.

Recolhe a cabeça.

ARDINELLI

(mantendo a mesma atitude)

Nada fiz por mim. Sacrifiquei-me àquela sabedoria que diz que o filho é o melhor rendimento do pai. E agora, o meu sangue corre nas veias de um imbecil.

ZENÓBIA

(atrozmente esclarecedora, fazendo o jogo precedente)

Coitadinho do meu filho. Ele não é imbecil. Detesta o pai, no que prova ser muito inteligente.

Recolhe a cabeça. Entra o Filho pela E. É um jovem como qualquer outro, apenas implacavelmente ausente. Fala sem olhar os pais, muito rígido, fitando um ponto no espaço. Avança até meio das duas poltronas onde fica parado. Quando ele fala, Ardinelli e Zenóbia põem-se instantaneamente de pé.

O FILHO

Desprezível pai e desprezível mãe!
Escuto sempre atrás das portas.
Encosto o ouvido à madeira
e ouço o que as vossas almas me escondem.

ZENÓBIA

(estendendo os braços do mesmo sítio)

Meu querido filho!

ARDINELLI

(fazendo o mesmo movimento)

Meu querido filho!

O FILHO

(sem os fitar)

Na vida uma coisa é certa:
Os filhos são assassinos dos pais.
Se eles forem réus, ele será juiz.
Se eles forem ricos, ele será poeta.

Dirige-se para a D., Teófilo Ardinelli e Zenóbia avançam para o sítio que ele abandonou.

ARDINELLI

~~Filho da minha alma! Na tua infância fiz muitas vezes de urso para te provar que o pai é o melhor camarada.~~

O Filho desaparece sem se voltar. Ardinelli volta, desanimado, a ocupar o mesmo assento.

(Contexto imbecil)

ZENÓBIA

(gritando na direcção que o Filho tomou)

Filho das minhas entranhas! Só não tirei o pão da boca para te dar porque o teu pai te estragou com mimos com o único objectivo de impedir essa minha prova de amor.

Volta rancorosa a ocupar o seu lugar.

ARDINELLI

(outra vez sentado)

Este filho poeta é o preço de eu ter casado com a mais estúpida das mulheres.

ZENÓBIA

(exibindo a cabeça acusadora)

A quem ele sai é a ti que foste sempre um pavão medíocre que nunca teve outro talento senão o de enfeitar-se com as penas dos outros. Como se eu não soubesse que é esse pobre Tricoteaux que te escreve os discursos!

Entra pela E. Jerónimo Tricoteaux. É o mesmo, muito mais velho. Uma grande agitação impele-o a vencer o embaraço das pernas trôpegas. Vem bufando e agitando as mãos no ar.

TRICOTEAUX

Melânia Sabiani está em Gall!

Deixa cair os braços com desalento. Teófilo Ardinelli e Zenóbia põem-se de pé simultaneamente e ficam no mesmo sítio.

ZENÓBIA

Esse esterco da sociedade atreve-se a pôr os pés aqui no dia em que festejam a sua canonização?

ARDINELLI

(indo ao encontro de Jerónimo Tricoteaux)

Não é possível! A estas horas já devia ter expirado há muito no catre de um hospital da Assistência Pública.

TRICOTEAUX

(assustado)

É ela. Passei por «Ardinelli & Tricoteaux, Serviços de Turismo», e reconheci-a junto do guiché.

TRICOTEAUX

A miserável!

Zenóbia junta-se ao marido. A sua expressão mudou.

Ela representa agora o papel da aflita esposa ligada ao marido pelos indestrutíveis laços da cumplicidade.

TRICOTEAUX

Perguntava pelo Palácio Ardinelli.

ZENÓBIA.

Estimado esposo! Nestas situações encontras-me sempre a teu lado.

ARDINELLI

(segurando a mão de Zenóbia entre as suas)

És a consolação da minha velhice.

ZENÓBIA

Não só esqueço todas as queixas que tenho de ti como estou pronta a provar que minuto a minuto fabricaste o mel da minha felicidade.

Abraçam-se.

ARDINELLI

Arrependo-me de não te ter dado ouvidos, terna companheira dos meus dias. Mas eu não podia prever que o negócio florescia sem precisarmos de novas aparições.

ZENÓBIA

Nunca acreditei nessa desculpa. Sempre te envergonhaste da tua bondade. *(Para Tricoteaux.)* Ele quis poupar a vida desse verme. Esta é que é a verdade. Oh! A sua compaixão pode ser sem limites. *(Tira um lenço do seio para limpar as lágrimas e junga.)* Não posso pensar nisto sem chorar.

TRICOTEAUX

Compreendo a sua emoção mas não é altura para enternecimentos. Melânia...

ZENÓBIA

(ainda choramingando)

Sim... Sim..., maridinho, que faremos?

ARDINELLI

(após uma pausa de reflexão)

O que é justo. Deve estar esfomeado e vem pedir uma esmola.

Tricoteaux vai para falar mas Zenóbia antecipa-se.

ZENÓBIA

Tanto quanto conheço o teu coração, sei que não irá de mãos vazias.

ARDINELLI

(contente com a sua generosidade)

Não só isso. Também levará consolações espirituais.

ZENÓBIA

É o que os pobres mais apreciam.

TRICOTEAUX

(conseguindo finalmente falar)

Receio não ser esse o caso. Vem acompanhada por um tipo que tresanda a chantagista.

ARDINELLI

Chantagem! Oh! A imunda criatura pisa o último degrau da abjecção.

ZENÓBIA

Se vem com tão baixas intenções não lhe abriremos a porta.

ARDINELLI

(após reflectir)

Não é prudente. Podem fazer escândalo.

Passeia de um lado para o outro com as mãos atrás das costas. Jerónimo Tricoteaux, por gestos, denuncia a sua inquietação.

ZENÓBIA

(no proscénio)

Na velhice, quando dado é colher os aprazíveis, os merecidos frutos da esgotante sementeira que é a vida, os abutres da adversidade encarniçam-se contra a nossa fraqueza.

Mas Teófilo Ardinelli pensa:

Nunca o seu cérebro terá descanso.

No seu epitáfio leremos:

«Aqui jaz um grande homem».

E os seus ossos segredarão à terra:

«Encontrei sempre uma saída.»

ARDINELLI

(detendo-se)

Nada temos a recear. Com a idade e os estigmas do vício, Melânia está transformada num traste velho.

ZENÓBIA

(segundo o raciocínio do marido)

Irreconhecível!

ARDINELLI

Não sabemos quem ela é.

TRICOTEAUX

(depois de espreitar para a E.)

Eles aí estão. É a altura de eu desaparecer. Fui sempre um homem apagado. Mas se sou inepto para as honras, poupado me é o seu reverso.

Desaparece pela D., Zenóbia e Ardinelli ficam no centro do salão em majestosa atitude de expectativa. Acto continuo, entram Melânia e Paco. Ambos com desembaraço reles. Melânia traz o mesmo vestido, tentando disfarçar a indigência do traje com uma boa desplumada e um velho chapéu posto às três pancadas.

MELANIA

Paco! Apresento-te a Senhora Zenóbia que nos meus tempos era funcionária na firma «Ardinelli & Tricoteaux» é agora a ilustre Senhora Ardinelli.

ZENÓBIA

(digna)

Eu nunca fui funcionária e não a conheço de parte alguma.

MELANIA

(sincera)

Oh! Pobrezinha. Está desmemoriada. *(Penalizada.)*
O que os anos fazem às pessoas!

ARDINELLI

(gentil mas distante)

Minha senhora, a sua despropositada familiaridade indica-me que deve haver engano.

PACO

Vamos, vamos, avozinho! Eu sou o administrador da Senhora Pupi.

ZENÓBIA

(a imagem da serenidade)

Não conhecemos nenhuma Senhora Pupi.

MELANIA

(ofendida, para Teófilo Ardinelli)

Não reconheces a tua Melânia?

ARDINELLI

(*piadoso*)

A minha Melânia há trinta anos que é do céu.

MELANIA

(*desapontada*)

Oh! Como podes esquecer os bons momentos que passámos juntos? (*Indignada.*) E era este marmanjo que me chamava o seu viciozinho!

ARDINELLI

(*respeitável*)

É um lamentável equívoco. Eu nunca tive vícios.

ZENÓBIA

(*virtuosa*)

A sua linguagem ofende estas paredes que albergam um lar irrepreensível.

PACO

A Senhora Pupi contou-me uma história de fazer chorar as pedras.

MELANIA

(*num choro ordinário*)

As pedras, sim, que têm mais alma que vocês...

PACO

Certos órgãos da Imprensa não-de gostar de saber que esta mariposa do cais que queimou as asas nas torpes paixões dos homens, é a santinha de Gal...

MELANIA

(*interrompendo, com indignação*)

Uma santa, pois, como não arranjavam outra. Que em beleza e postura não fiquei a dever nada às verdadeiras. (*Convicta.*) Verdade seja que tomei o meu papel muito a sério. (*Empolga-se.*) Estava bela! Bela! (*Crescendo.*) Os olhos puros como riachos ao amanhecer... (*Aumenta o crescendo.*) A boca casta como uma papoula orvalhada... (*Inefável.*) As mãos postas como duas aves que descobrem o amor... (*Junta as mãos e fica um instante estática. Depois há uma transição violenta e dá uma cotovelada maliciosa em Teófilo Ardinelli.*) Hein!... Teófilo Ardinelli!? (*Ri alarvemente.*) O que nós nos divertimos nesse dia!

ARDINELLI

(*afastando-se indiferente*)

É uma infâmia!

ZENÓBIA

Uma suja patranha para nos extorquir dinheiro.

*Entra o Filho pela E. Pára no meio do salão sem olhar
nenhum dos presentes.*

O FILHO

(fixando um ponto no espaço)

*impossível
(com a mãe)*

Desprezível pai e desprezível mãe!
Se as portas separam os filhos dos pais
elas apuram o ouvido do filho
que nelas sofregamente escuta
o obscuro rumor do seu sangue.

ZENÓBIA

(estendendo os braços)

Meu querido filho!

ARDINELLI

(mesmo movimento)

Meu querido filho!

*Os braços dos pais vão caindo à medida que o filho
fala.*

O FILHO

(mesma atitude)

Porque negais a evidência?
A Senhora Pupi é muito formosa.
Os seus olhos têm a pureza das virgens
e na sua face eu vejo
todos os possíveis tons da inocência.
É ela a verdadeira santa de Gal.
Justo é que a verdade triunfe.
Só o não reconhece quem for imoral.
Dêem o dinheiro a este honesto casal
que só reclama o que é seu.
Senão eu escrevo um poema
em que direi que a preciosa gema
que a Igreja engastou no seu diadema
é uma venerável prostituta.
E serei o maior dos poetas.

O Filho dirige-se para a D.

ARDINELLI

(chamando-o)

Filho! Filho! O teu pai só pensa no teu futuro. Não
o acusarás de se ter eximido a um só dever da paterni-
dade.

*Deixa cair os braços com desapontamento. O Filho sai,
sem ouvir, pela D.*

ZENÓBIA

(avançando na direcção em que ele saiu e gritando para fora)

Pequerrucho! Pequerrucho! A tua mamã só pensa na tua felicidade. Se alguma queixa tens de mim é de eu não ter ainda envenenado o teu pai para receberes a herança.

Deixa cair os braços com desânimo. Paco e Melânia seguiram toda a cena, estupefactos.

ARDINELLI

(retomando a atitude do princípio deste Episódio)

Porque fui eu casar com esta mulher em vez de desposar uma galinha? Sempre teria um filho menos imbecil.

ZENÓBIA

(readquirindo o ódio pelo marido)

Mesmo que casasses com um golfinho, que passa por ser o mais inteligente dos animais, terias um filho idiota porque é à tua raça degenerada que ele sai.

Senta-se na poltrona onde permanece rígida, até ao fim da cena.

PACO

O pequeno sabe o que diz...

MELANIA

(coquete)

É um cavalheiro. Que galanteios!

PACO

Tem golpe de vista. Viu logo o alcance do negócio. *(Para Teófilo Ardinelli, dando-lhe uma palmada nas costas.)* Hein, avozinho?! É uma sorte teres um filho que sabe ver as oportunidades.

ARDINELLI

(com grande afabilidade)

Cara Melânia, caro Senhor Paco. O assunto foi sempre claro para mim. É evidente que há pouco reconheci nesta ainda galante senhora os inesquecíveis traços da inefável Melânia.

MELANIA

(familiar)

Do teu viciozinho execrado.

ARDINELLI

(*respeitoso*)

Apaixonadamente execrado. Mas tive de tomar as minhas precauções.

PACO

É justo. Não fosse o caso de ela ser uma vigarista.

ARDINELLI

Não imagina a quantidade de indivíduos dessa espécie que são atraídos pelos homens da minha posição. Mas o meu amigo saberá por si próprio o que são esses reveses da fortuna porque não tem discussão que a partir deste momento é o mais jovem e esperançoso sócio de «Ardinelli & Tricoteaux».

Estende-lhe jovialmente a mão e até ao fim da cena apertam-se as mãos efusivamente.

MELANIA

(*proscénio*)

Não digam que o mundo é mau.
Afinal tudo acaba em bem.
Por todo o lado só vejo bondade.
Com este amigável aperto de mão
selada está a minha felicidade.

PANO

CARTÃO

VIII EPISÓDIO

No mesmo dia em Gal. Ao fundo, três edifícios dispostos em planos desiguais. Em cada um, uma tabuleta que ocupa grande espaço. Na primeira lê-se: Ardinelli & Tricoteaux, Ourivesaria Sacra e, em letras menores: Artísticas Medalhas Santas de Ouro e Prata que Constituem Protecção Segura para todos os Devotos de Santa Melânia. Na segunda, estão inscritos os seguintes dizeres: Ardinelli & Tricoteaux, Adeegas de Gal. E muito em destaque: Vinho de Missa. Em letras menores: Com Autorização Eclesiástica para as Garrafas de Cápsula Metálica. Finalmente, a última anuncia: Ardinelli & Tricoteaux, Artigos Religiosos. E em letras mais pequenas: Completo Sortido de Artigos para Comunhão, Cartilhas, Terços, Missais, Pagelas, Estampas de Recordação, Velas, etc. Mesmo as letras com menos relevo devem ser muito legíveis. No proscénio, estão as Três Galesas e os Quatro Homens Galeses. São os mesmos do I Episódio.

"Corno dos 7"

CORO DOS GAL.

Eis que soberbo resplandece o santuário.
Não para nós, não para nós,
com a nossa crença, com a nossa fome,
com os nossos crimes, o erguemos.
Não se calaram os lamentos nesta terra.
Que fizeram da esperança dos Galeses?

Unidos estão a Igreja e o Estado.
Não para nós, não para nós,
com a nossa fé, a nossa raiva,
com a nossa infâmia os unimos.
Todavia pela antiquíssima indigência
continuamos marcados como reses.
Não se calaram os lamentos nesta terra.
Que fizeram da esperança dos Galeses?

A cena escurece. Quando volta a estar iluminada, no plano do fundo apinham-se os Enfermos, que são os mesmos do V Episódio, incluindo as Mulheres Estéreis. No chão, estão estendidas toalhas repletas de comida e garrações de vinho. Os Enfermos comem com avidez, agarrando com as mãos peças de carne, onde afundam as maxilas sôfregas. Por vezes roubam a comida uns aos outros. A faixa que corre ao longo do proscênio está nua, simulando uma rua onde se desenrolarão os acontecimentos. Pela E. entram as Três Bailarinas do I Episódio. Estão vestidas da mesma maneira e marcam o ritmo da dança com as pandeiretas. Enquanto

IN
OFF

bailam, fazem cerco a um homem de fato pintalgado que traz uma máscara com cornos e vem acorrentado, mimando querer livrar-se das cadelas.

TRÊS BAILAR.

(cantando e bailando à volta da figura diabólica)

Folguemos, irmãs, folguemos!
Pela virtuosa de Gal
remida está a culpa de Eva.
Donzelas somos e exultamos
bailando sobre a verde relva.
Amanhã, emergentes frutos
ao nosso ventre pedirá a terra.
Mas hoje consagra-se a virtude
e o demónio enraivece na treva.

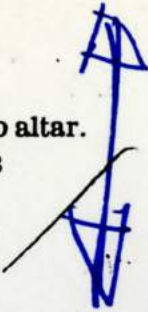
Entram pela E. as Seis Pagadoras de Promessas. Vêm de joelhos com grandes velas na mão, embiocadas de negro, a duas e duas. Nas suas faces, espalha-se uma cadavérica alvura. O grupo de Bailarinas sai pela D., saída que coincide com o momento em que as Pagadoras de Promessas param no centro, sempre ajoelhadas.

PAG. PROM.

Pedregosos, intermináveis caminhos,
de joelhos os percorremos
sem nunca das pedras os levantar.
Nossas rótulas estão em chaga.



Estas flores te vimos trazer.
Colocadas serão entre as jóias
que brilham, ó santa, no teu novo altar.
Com sangrenta moeda pagamos
o que só Deus pode vender.
Neste santo comércio lucrámos
o que o céu não pode perder.



Na mesma posição dirigem-se para a D. no momento em que surgem da E. os Quatro Flagelantes. Estes vêm de troncos nus que, como o rosto e os braços, estão cobertos de sangue. Flagelam-se a si próprios e uns aos outros com cordas dobradas, cheias de nós. Quando chegam ao centro, as Pagadoras de Promessas desaparecem.

FLAGELANTES



Por nossos pecados,
por nossos pecados,
alegremente nos flagelamos!
Tirando este sangue das veias,
até à última gota, ó santa,
a tua festa celebramos.
Por nossos pecados, por nossos pecados,
na embriaguez da penitência
o fim dos tempos adiamos!
Por nossos pecados, por nossos pecados,
ao céu devemos estas feridas!
Senão virá o dia da cólera
e o mundo será reduzido a cinzas.

156

→ Tudo Cruzado

Vão para a D., e saem no momento em que o Cientista e o Sociólogo, que entram pela E., chegam ao centro. O Sociólogo vem de quatro patas no chão e o Cientista arrasta-se como um réptil.

OS DOIS

(na mesma atitude)

Só a palavra de Deus todos os gestos explica
e todos os passos do homem justifica.
Revelada nos foi esta verdade
e nunca mais nos pusemos de pé.

CIENTISTA

Há trinta anos, há trinta anos
como um verme pelo chão me arrasto
e assim escrevi muitos livros
nesta incómoda posição.
Agora o meu talento gasto
em explicar que sem milagres
nada tem uma explicação.

Sai rastejando pela D.

SOCIÓLOGO

Há trinta anos, há trinta anos
que ando de patas no chão.
Deus existe. Imperfeito é o homem.
Outra posição não concebo.

157

Sou autor de muitas obras
e nesta atitude as escrevo,
nas quais demonstro que a dor
mais desejável é que o pão,
e alegrias no céu esperam
os que sofrem com convicção.

*Sai pela D., conservando a mesma atitude. Melânia e Paco aparecem ao fundo. Paco põe-se a ler as três tabu-
tas, deslocando-se entre elas e fazendo paragens de
leitura atenta. Os movimentos de Melânia, cujas ancas
rebolam excessivamente, denotam a ligeira disposição
do seu espirito.*

UMA ENFERMA

(elevando os braços)

Ó mais branca que a neve!

Os Enfermos abandonam imediatamente a voracidade
e ficam em atitude de unção.

TODOS OS ENF.

(erguendo os braços)

Tem piedade de nós! Tem piedade de nós! Tem
piedade de nós! (Baixam os braços.)

UM ENFERMO

(que ergue os braços ao céu)

Lava-nos, e mais que o linho seremos brancos!

TODOS OS ENF.

(braços ao alto)

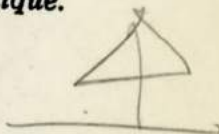
Tem piedade de nós! Tem piedade de nós! Tem
piedade de nós!

*Retomam instantaneamente a sofreguidão abandonada
durante este interregno. Paco e Melânia atravessam o
piquenique dos Enfermos. Ele vem à frente, ela segura
as saias procurando com as pontas dos pés vencer o
obstáculo das vitualhas expostas. Os Enfermos tentam
ajastá-los agressivamente com as mãos, pondo a salvo
os viveres. Paco desembaraça-se antes dela e fala, en-
quanto Melânia atravessa ainda o sector do piquenique.*

PACO

(para si)

Teófilo Ardinelli é um velho mocho. A sua empresa
é muito sólida. Mas está um pouco antiquada. Os tem-
pos mudam. Os homens gravam a sua voz para a eter-
nidade e inventaram um aparelho para falarem uns
com os outros sem se verem. Inicia-se a era dos belos
reclames luminosos.



11 Piquenique
lo
poro

MELANIA

(no proscénio)

*Wífica
de
Melânia*

Agora sim, agora sim, é o momento
de me entregar ao delírio dos projectos.
Sempre sonhei com uma casa cor-de-rosa
com gorduchos anjos pintados no tecto.

IN
OFF

PACO

(continuando a falar para si)

Foi atilado o velho em convidar-me para sócio. Fiz
uma atenta digressão por todas as firmas. Tudo aquilo
está a precisar de sangue novo.

MELANIA

(que se juntou a Paco, esfregando-se a ele com lascívia)

O sangue ardente do meu Paco!

PACO

(repelindo-a)

Essas liberdades em público são indecorosas.

MELANIA

(tentando adquirir compostura)

Tens razão, amorzinho. Fazes bem em lembrar-me
que as coisas mudaram. E muito embora não alimente

a esperança de te dar um filho, devo ser uma mulher
comedida.

PACO

Ainda bem que compreendes que a partir de hoje
és o passado de um homem que o deve enterrar.

MELANIA

Sou a primeira a compreendê-lo. Diremos aos teus
amigos que nos conhecemos num domingo, no Jardim
Zoológico.

PACO

Cara Pupil! De hoje em diante nunca mais me apa-
nharão numa mentira. Agradeço-te teres contribuído
para a minha regeneração mas ela força-me a dizer-te
adeus. Deixo-te. A verdade é cruel.

*Ele vai a afastar-se mas, decidida, Melânia barra-lhe o
caminho.*

MELANIA

Que vais fazer?

PACO

Encetar o caminho da honra.

MELANIA

(firme)

Acompanho-te. (*Ternamente ameaçadora.*) Não mais pregarás sustos a este coração enternecido. Agora estou segura de mim. Sou uma pessoa feliz e as pessoas felizes têm muita força. Fecharás os olhos à tua dedicada Pupi. (*Dá-lhe o braço.*) Vamos!

PACO

(empurrando-a com violência)

Julgas então que eu ia compartilhar a minha respeitabilidade com uma mulher pública reformada? Repartir o meu dinheiro com essas carnes engelhadas quando com ele posso comprar todas as virgens do mundo? (*Vai-se aproximando da saída enquanto ela executa gestos impotentes para o impedir.*) Passo de chulo a pagante. De sublime corneador a torpe corneado. É a outra face da vida. O cabelo começa a embranquecer. É chegado o tempo da responsabilidade.

MELANIA

(gritando ameaçadoramente na direcção que Paco tomou)

Canalha! Não te livras de mim. Hei-de perseguir-te com o escândalo e tu virás com as tuas falinhas mansas dizer que não és nada sem a velha Pupi. Não receio o

tribunal. E a prisão muito menos. (*A cólera vai dando lugar ao pranto.*) Presa estive eu toda a vida e fui sempre alegre. Porcos são os outros. Os que estão em liberdade. (*Ri histericamente.*) Ah! Ah! Ah! Paco, o Abutre, é a nova esperança da sociedade! (*Retomando os gritos ameaçadores que procura fazer chegar aos ouvidos de Paco.*) Oh, não! Não comprarás todas as virgens do mundo, porque eu falarei e tu virás, oh, o imundo comércio!, fechar-me a boca com o oiro sem preço dos teus beijos ignóbeis. (*As últimas palavras são ditas com a voz embargada. O discurso termina com ela caindo de joelhos, em choro aberto e batendo com os punhos no chão.*)

UM ENFERMO

(erguendo os braços a cuja voz cessa o repasto)

Ó mais translúcida que a água!

TODOS OS ENF.

(elevando os braços)

Tem piedade de nós! Tem piedade de nós! Tem piedade de nós! (*Baixam os braços.*)

UMA ENFERMA

(braços ao alto)

Lava-nos, e mais que a água seremos puros!

TODOS OS ENF.

(na mesma atitude de prece)

Tem piedade de nós! Tem piedade de nós! Tem piedade de nós!

Durante a ladainha, Melânia levanta com lentidão a cabeça, alucinadamente atenta às lamentações dos Enfermos. Quando estas terminam, ela ergue-se de um pulo e dirige-se, clamando, aos peregrinos.

MELANIA

Calem-se... Calem-se, desgraçados! Cada lamento que soltais vai encher a barriga das aves de rapina. Elas engordam com as vossas chagas. O ar está empestado dos seus arrotos. *(Aponta o ar.)* Cheirem! Cheirem! Que fedor a sonhos de futuro!

UMA ENFERMA

Cala-te, víbora!

UM ENFERMO

Deixa-nos lamentar as nossas dores!

MELANIA

Não haverá futuro! A teta da santa está seca. Para eles, é o fim do mundo. Oh, como todos vão rir! Como

todos vão rir! *(Abrindo os braços e exibindo-se cana-lhamente.)* Vejam-na! Vejam-na! Uma cadela das docas!

Recrudescer o burburinho que se estabelecera entre os Enfermos.

OUTRA ENF.

Blasfema!

OUTRO ENF.

Bruxa!

MELANIA

(que persiste pateticamente na exibição)

Uma puta! A vossa santa é uma puta.

UM ALEIJADO

(erguendo-se nas muletas e sobrepondo a sua voz à algazarra)

Companheiros de infortúnio! Arranquemos a língua a esta megera.

TODOS OS ENF.

Sim, sim! Desagravemos a honra da santa!

Avançam todos. Os Aleijados com as muletas no ar, os Cegos brandindo as bengalas, os paralíticos e os

Doentes de Macas fazendo rodar estas e as cadeiras de rodas. As Mulheres Estéreis lançam-se, como búrias, preparando as garras para o ataque. As Pagadoras de Promessas acorrem da D., sempre de joelhos e de velas na mão assim como os Quatro Flagelantes e o Sociólogo e o Cientista, estes sem abandonarem as respectivas posições.

MELANIA

(tentando sustar o assalto)

Não! Não me negueis! Eu trago a prova no meu corpo. *(Levanta as saias, baixa as culottes e mostra as nádegas.)* Se não acreditam, vejam a minha ná-dega... *(De rabo para o ar e dando palmadas na ná-dega.)* Aqui... aqui... A marca que têm no rabo todos os Sabiani, a honrada família onde nasci.

As últimas palavras são gritadas sob o desabar das muletas dos Aleijados, das bengalas dos Cegos, das velas das Pagadoras de Promessas, sempre em genuflexão, e das disciplinas dos Flagelantes. Das macas e das cadeiras de rodas, os Enfermos arrancam-lhe partes do vestido. As Mulheres Estéreis puzam-lhe os cabelos.

UMA ENFERMA

(dominando o coro cerrado de imprecações)

Corre, corre, sangue sacrílego...

MELANIA

(voz entrecortada)

Loucos! Loucos! É o sangue de Melânia Sabiani... leite de todos os canalhas...

Grita estas palavras tentando escapar às mãos dos assassinos mas logo caindo noutras que desfecham sobre ela novos golpes mortais.

UM ENFERMO

(sobrepondo-se ao praguejar surdo dos agressores)

Rebenta, rebenta, coração imundo!...

MELANIA

(voz mais entrecortada, tentando fugir em vão, à saravada de agressões)

Juro!... Juro!... É o coração de Melânia Sabiani... covil de todos os escorpiões...

Melânia cai de joelhos, tentando baldadamente defender-se com os braços.

OUTRO ENF.

(sobressaindo da toada de impropérios)

Estrebucha, estrebucha, carne pestilental...

MELANIA

(exangue)

Piedade!... Piedade!... É a carne... de Melânia...
Sabiani... templo... de todos... os espectros...

Os Flagelantes tomam inteiramente conta dela e justigam-na com as disciplinas, deixando-a coberta de sangue enquanto gritam.

FLAGELANTES

Por nossos pecados!... Por nossos pecados!... Por
nossos pecados!... Por nossos pecados!...

*Ouve-se um hino entoado ao longe por muitas vozes.
Ficam todos com os instrumentos de agressão suspen-
sos no ar. Melânia cai por terra.*

UMA ENFERMA

Glória, glória in excelsis!

*O juror transforma-se em alegria. Baixam as muletas,
as bengalas, etc.*

UM ENFERMO

A procissão entrou em Gall

OUTRO ENF.

Saudemos a imagem da santa!

OUTRA ENF.

Para festejar a sua canonização ela fará muitos
milagres.

TODOS

Vamos!

*Saem pela D. O hino vem sempre subindo de intensi-
dade. Melânia tenta soerguer-se mas só consegue esten-
der um braço para os deter. Tem o vestido em farrapos,
os cabelos desfeitos e está coberta de sangue.
Na sua voz perpassa o sopro da agonia.*

MELANIA

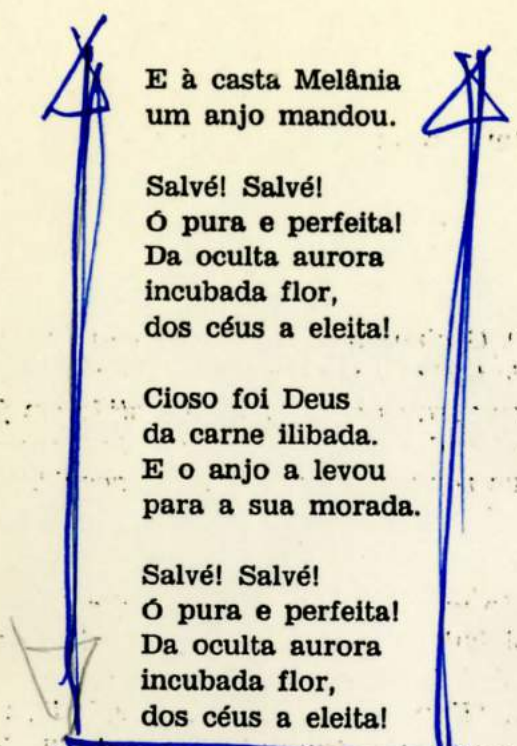
Não... Não me abandonem!... Essa é a falsa... de
madeira... pintada... Foi um artista... que lhe deu esse
rosto imortal... A verdadeira... jaz no pó... desfeita
em sangue... (Num último sopro no qual vibra uma
insólita força e alegria) Ouçam!... Ouçam!... Todos os
ventos o repetem...

*Entra a procissão que passa majestosamente sobre
o cadáver de Melânia. A gravidade do passo é inflexí-
vel como se o corpo espezinhado fosse inexistente.
O hino que vêm cantando atinge a plenitude que se
mantém quando o Cardeal e os Arcebispos debaixo
do pátio pisam os restos da mártir. A música é da mais
pura tradição litúrgica e são estas as palavras:*

Da carne sem mácula
Deus se enamorou.

CANTICO
FINAL

IN
OFF



E à casta Melânia
um anjo mandou.

Salvé! Salvé!
Ó pura e perfeita!
Da oculta aurora
incubada flor,
dos céus a eleita!

Cioso foi Deus
da carne ilibada.
E o anjo a levou
para a sua morada.

Salvé! Salvé!
Ó pura e perfeita!
Da oculta aurora
incubada flor,
dos céus a eleita!

A ordem do cortejo é a seguinte: à frente, três acólitos, dos quais, o Crucífero, vai no meio, ladeado pelos outros dois que levam sumptuosos castiçais. Atrás destes, vem um carro triunfal onde um enorme anjo, lançado para a frente em impulso de voo, exhibe nas mãos uma tarja dourada em que se lê: «Laudate Dominum de Coelis in Canonizatione Sanctae Melaniae». Segue-se o andor que transporta a imagem da santa, representando Melânia Sabiani em tamanho natural. Vem vestida como na aparição. A imagem pretende exprimir, através de uma espiritualização insossa, a sublimação

de uma cópia fiel da retratada. Seguram o andor seis militares, em duas filas de três. Envergam farda de gala e acompanham a cadência processional em marcha de passo de ganso. Depois destes, vêm o Cardeal e dois Arcebispos sob o pálio recamado de pedrarias, sustentado por quatro Diáconos, dois de cada lado. O Cardeal empunha um cofre refulgente com relíquias da santa. Na retaguarda, duas filas de Cónegos e três de Frades. Rematam a procissão, respectivamente, os Pecadores e as Pecadoras, os Enfermos, as Mulheres Estéreis, os Flagelantes, as Pagadoras de Promessas, o Sociólogo e o Cientista, aquelas de joelhos e estes observando a mesma posição, os Burgueses e os Homens e Mulheres Galesas. O Pano cai durante a passagem da procissão, subentendendo-se a cauda interminável do cortejo que repete sucessivamente o hino.

FIM